



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

LUCA SOUSA PORPINO DE OLIVEIRA

CENTRO CULTURAL TENONÉ

BELÉM
2026

LUCA SOUSA PORPINO DE OLIVEIRA

CENTRO CULTURAL TENONÉ

Trabalho final de Graduação apresentado à UFPA -
Universidade Federal do Pará, Curso de Arquitetura
e Urbanismo, para obtenção do título de Bacharel,
sob a orientação da Prof. Dra. Rachel Sfair Ferreira
Benzecry

BELÉM
2026

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

O48c Oliveira, Luca Sousa Porpino de.
Centro Cultural Tenoné / Luca Sousa Porpino de Oliveira. —
2026.
58 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Rachel Sfair Ferreira Benzecry
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Tecnologia, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,
Belém, 2026.

1. Projeto Arquitetônico. 2. Centro Cultural. I. Título.

CDD 727

BELÉM
2026

LUCA SOUSA PORPINO DE OLIVEIRA

CENTRO CULTURAL TENONÉ

Trabalho final de Graduação apresentado à UFPA -
Universidade Federal do Pará, Curso de Arquitetura
e Urbanismo, para obtenção do título de Bacharel,
sob a orientação da Prof. Dra. Rachel Sfair Ferreira
Benzecry

Data de aprovação: 24/02/2026

Conceito:

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente
RACHEL SFAIR FERREIRA BENZECRY
Data: 05/03/2026 22:42:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora: Prof. Dra. Rachel Sfair Ferreira Benzecry - UFPA



Documento assinado digitalmente
JORGE LEAL EIRO DA SILVA
Data: 06/03/2026 14:43:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Jorge Leal Eiró da Silva - UFPA



Documento assinado digitalmente
FABIO DE ASSIS MELLO
Data: 05/03/2026 22:49:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Fábio de Assis Mello - UFPA

RESUMO

Este trabalho visa a elaboração de um anteprojeto arquitetônico de um centro cultural no bairro do Tenoné, com foco em atividades audiovisuais. O centro será um espaço multifuncional, oferecendo áreas para estudo, lazer, oficinas e exposições, com ênfase na capacitação. Para a realização desse projeto, a proposta inclui uma análise da importância dos centros culturais na sociedade, destacando como eles podem contribuir para o desenvolvimento comunitário e cultural. Para isso, serão realizados estudos de caso de centros culturais que tiveram impactos positivos em seus arredores imediatos, servindo como referência inicial para o desenvolvimento do projeto. Além disso, o projeto busca identificar as necessidades específicas do Tenoné, como um bairro da área de expansão de Belém, e com uma carência de equipamentos públicos de qualidade, garantindo que o centro cultural atenda às demandas da comunidade local.

Palavras-chave: Centro Cultural, Projeto Arquitetônico, Belém, Tenoné, Audiovisual.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
1.1 Contextualização do problema	6
1.2 Objetivos.....	7
1.2.1 Objetivo geral	7
1.2.2 Objetivos específicos	8
2. CENTRO CULTURAL.....	8
2.1 Definição	8
2.2 A função de um centro cultural.....	8
2.3 Audiovisual e a cidadania	10
3. ESTUDOS DE CASO	12
3.1 Parque Biblioteca Tomás Carrasquilla - La Quintana	12
3.2 Centro Cultural Lá Da Favelinha	16
3.3 Curro Velho.....	21
4. ÁREA DE IMPLANTAÇÃO.....	25
4.1 Caracterização do Bairro.....	25
4.2 Lote	30
5. O PROJETO	32
5.1 Conceito.....	32
5.2 Programa de Necessidades.....	33
5.3 Partido.....	35
5.4 Implantação.....	37
5.5 Soluções Arquitetônicas e Construtivas.....	39
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE A - PRANCHAS DE PROJETO.....	50

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização do problema

Segundo Jacobi (1986), as cidades são construídas como produtos de consumo, o que as torna inacessíveis para grande parte da população devido à falta de poder aquisitivo. Essa exclusão impede que muitos usufruam dos benefícios e da qualidade de vida que a cidade pode oferecer. As cidades atuais são resultado de uma história de concentração de poder econômico e político nas mãos de poucos, gerando segregação e desigualdade para a maioria. A estrutura urbana, “exila” a maior parte da população nas periferias, onde enfrentam sacrifícios devido à precariedade de equipamentos e serviços, e a distância dos centros urbanos. Lá os habitantes não vivem um espaço e cultura propriamente urbanos, enfrentando dificuldades para circulação na cidade e até para sua organização política, devido a transporte precários, falta de locais apropriados para reunião, além das dificuldades políticas como ausência de canais, desinformação, cooptação e repressão. (Maricato, 1985).

De acordo com Hermínia Maricato (1985), para a cidadania não é necessário apenas o direito a terra, mas também “o direito a cidade com seu modo de vida, com seus melhoramentos, com suas oportunidades de emprego, de lazer, de organização política”. O direito à cidade é definido como o direito à vida urbana, à habitação e à dignidade. Esse conceito propõe que a cidade seja um espaço de usufruto cotidiano e de encontros, permitindo que cada habitante participe plenamente do espaço onde vive (Jacobi, 1986). Para garantir esse direito, é necessário um movimento social urbano forte e organizado, capaz de questionar e modificar as relações de poder.

O Bairro do Tenoné, se localizando em uma periferia urbana, compartilha de muitos desses problemas. Situado na área de expansão de Belém do Pará, o Tenoné é afligido pela falta de infraestrutura e de equipamentos urbanos, se destacando a ausência de espaços públicos de lazer e encontro de qualidade, com grande parte da sua população em situação de vulnerabilidade. Ademais, devido a carência de uma diretriz de ocupação oferecida pelo poder público, se concretizou no bairro uma ocupação caracterizada pela fragmentação espacial e segregação social, com variados tipos de ocupação em uma mesma região. Com áreas de ocupações espontâneas, muitas vezes sem acesso a água encanada e saneamento básico, e prejudicadas pela carência de equipamentos públicos, sendo separadas por um muro, de

condomínios fechados de classe média alta, onde as precariedades são suprimidas graças ao poder aquisitivo de seus moradores.

Tendo em vista a situação do bairro, o desenvolvimento de um centro cultural no bairro pode ser uma ferramenta importante para a inclusão social e de direito a cidade. Pois, além de tornar acessível o lazer a uma população sem muitos recursos, um centro cultural democratiza o acesso à cultura, permitindo que seus usuários tenham contato com diversas formas de expressão artística, desenvolvendo a capacidade crítica dos indivíduos e incentivando ações que promovam a plena integração dos seus participantes na sociedade. Podendo atuar como um equipamento informacional, lidando com questões contemporâneas como globalização e identidade cultural. Também sendo um local de encontros e trocas de experiências, oferecendo a população a oportunidade de se organizar e a capacidade de ser agente da sua própria mudança.

A criação de um centro cultural, pode fortalecer a identidade local, criar uma nova centralidade no bairro, combater a homogeneização cultural imposta pela mídia e auxiliar no desenvolvimento econômico dos frequentadores, oferecendo acesso a instrumentos para ingressar no mercado da economia criativa. Além disso, espaços públicos de qualidade que promovem encontros e convivência podem auxiliar a diminuir a violência urbana, como demonstrado em projetos de urbanização bem-sucedidos em outras regiões.

Visto que na sociedade contemporânea vivemos cercados por telas, o estudo em específico do audiovisual tem grande importância, pela sua própria onipresença no dia a dia. A compreensão deste modo de expressão permite uma reflexão crítica sobre as obras, e como as mesmas podem influenciar a sociedade. Atualmente é uma das ferramentas mais importantes para a comunicação, sendo uma das principais fontes de entretenimento no mundo, além de serem um dos meios mais eficazes para difusão de conhecimentos e cultura, podendo alcançar um grande público. O cinema em particular, mesmo com o advento da TV, e posteriormente dos computadores e celulares, através dos quais o consumo de cultura se tornou cada vez mais individual, continuou sendo definido pela experiência coletiva, identificando as salas de exibição como espaços de encontro e sociabilidade.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Desenvolver um projeto arquitetônico, em nível básico, de um centro cultural no bairro do Tenoné, focado no desenvolvimento de atividades audiovisuais, com espaços para estudo, lazer, oficinas e exposições.

1.2.2 Objetivos específicos

- Analisar a importância dos Centros Culturais na Sociedade
- Identificar as necessidades do bairro
- Analisar estudos de casos com impactos positivos no entorno imediato dessas instalações

2. CENTRO CULTURAL

2.1 Definição

Centros Culturais, em sua definição mais básica, são espaços de uso público, criados com o objetivo de promover a cultura em determinada região, e apesar de inexistir um programa específico para este tipo de equipamento, eles comumente são dotados de bibliotecas, salas de oficina, teatros, cinemas, auditórios, espaços para exposições entre outros (Moreira, 2019). Segundo Silva (2010), se destacam, nos centros culturais, três campos de atuação: a criação de produtos culturais, através de cursos e oficinas que visam à formação artística e à educação estética, a circulação, que ocorre através de uma política de atividades e eventos, com objetivo de formação de público. E por último a preservação, buscando a manutenção da memória cultural de uma coletividade. O público de um centro cultural é composto por todos, tanto por pessoas que já exercitam a criatividade, quanto pelos criadores em potencial (Milanesi, 2003).

Teixeira Coelho (1997) afirma que no Brasil começou a se estabelecer uma distinção informal entre termos que podem ser utilizados para se referir a esses equipamentos culturais, sendo Centro Cultural normalmente utilizado para instituições mantidas pelo poder público, de maior porte, com acervo e equipamentos permanentes, Casa de Cultura para um centro cultural de menor porte, situado em bairros e periferias, e o Espaço Cultural sendo reservado a espaços mantidos por instituições privadas, normalmente se dedicando a apenas uma ou outra atividade cultural e não um conjunto delas.

2.2 A função de um centro cultural

Além de constituir uma forma de lazer, um dos principais objetivos dessas instituições é o acesso à cultura, sendo muitas vezes utilizado como sinônimo de democratização da cultura. Democratização da cultura é, de acordo com Coelho (1997), frequentemente entendido como o processo de popularização das artes eruditas (artes plásticas, ópera, música erudita), com a ideia de que parte da população, que por diversos motivos é impedida, gostaria de ter acesso a essas expressões culturais, ou que poderia se tornar apreciadora se exposta as mesmas, aumentando o número de consumidores de cultura. Porém, como crítica a esse modo de pensamento se tem o conceito de democracia cultural, que questiona o julgamento do valor sobre que meio de expressão cultural é bom ou ruim, que deve ou não ser propagado/consumido. Afirmando que a questão principal é a “discussão sobre quem controla os mecanismos de produção cultural e na possibilitação do acesso à produção de cultura em si mesma” (Coelho, 1997).

Porém o papel do Centro Cultural deve ir além e se aproximar do que Teixeira Coelho define como “ação sociocultural” no seu Dicionário Crítico de Política Cultural, indo além de transformar os seus usuários em consumidores de cultura, ou mesmo apenas em criadores capacitar os indivíduos e comunidades a compreenderem os mecanismos da expressão cultural, incentivando uma reflexão crítica, sobre as obras e em relação a si mesmos e a comunidade. Possibilitando-os a se expressar em todos os aspectos da vida social.

De acordo com Ramos (2007) os centros culturais também devem atuar como um equipamento informacional, estando atentos as necessidades coletivas e do mundo contemporâneo, lidando com questões como a globalização e identidade cultural. Se tornando uma potencial ferramenta para a inclusão social de seus usuários, possibilitando o desenvolvimento de sua capacidade crítica, tomando consciência de sua situação social, que posteriormente o leve a realizar ações que desenvolvam condições para que este possa se incluir na sociedade de forma plena (Castro, 2008). Ou seja, que através da formação cultural e social, o próprio indivíduo possa ser o agente da mudança.

Para Milanesi (2003) o espaço do centro cultural, deve permitir a concretização dessas ações básicas: informar, discutir e criar, integradas, pois sem a articulação das partes resultará em “uma justaposição que desintegra os verbos”. Luis Milanesi sugere que a convivência seria o elemento de união entre essas partes, com espaços para trocas, lazer, descansar, conversar sendo talvez mais importantes que os outros elementos da construção, pois a ação cultural se

faz a partir da coletividade, com o restante do aparato sendo inútil se o ambiente não propiciar a integração das pessoas. Conforme Milanesi (2003):

Esse espaço de Cultura é o local onde cada ser poderá ser integralmente homem, conduzindo as suas experiências, inventando, escapando do sufoco massivo da sociedade contemporânea e buscando na convivência humana o retorno a tribalização perdida. O centro de Cultura com os seus livros e bate-papos, os sons e as divagações, é um espaço de liberdade, uma casa de contradições emocionantes, de desassossego, onde o prazer essencial é a resolução provisória de conflitos e a criação de outros (Milanesi, 2003, p.270)

Através da facilitação de produção cultural local, também é possível fortalecer a identidade local, propagando costumes da região, combatendo uma tendência que Milanesi (2003) chama de homogeneização cultural. Esta tendência se dá pois os centros econômicos concentram em si as possibilidades de criação dos bens culturais e com isso “impondo” seus padrões e valores. Se intensificando após o rádio e TV se tornarem o principal meio de consumo de produtos culturais, reduzindo a demanda para produções locais, sendo mais fácil e mais barato produzir suas obras no centro e transmiti-las para as demais regiões.

Outro benefício possível de um Centro Cultural é auxiliar no desenvolvimento econômico de seus frequentadores, ao dar capacitação e acesso a instrumentos para adentrar ao mercado da economia criativa. Com economia criativa se referindo todos os bens e serviços baseados na criatividade, talento ou habilidade individual, desde o “artesanato tradicional às complexas cadeias produtivas das indústrias culturais” (Miguez, 2007).

Ademais, a criação de espaços públicos de qualidade que promovam encontros e convivência, pode servir como ferramenta para fortalecer centralidades, diminuir desigualdades sociais e, aliado a outras políticas, lidar com a violência urbana. Como visto no caso do projeto de urbanização de Medellin a partir de 2004, onde, aliado a outros projetos, foram criados espaços de cultura em territórios previamente abandonados pelo Estado, fomentando o desenvolvimento de uma nova cidadania (Antonucci, 2018).

2.3 Audiovisual e a cidadania

Michel Marie define Audiovisual como “obras que mobilizam, a um só tempo, imagens e sons” (2006). Podendo ser incluídos nessa descrição filmes, novelas, séries, telejornais, documentários, animação, vídeos para redes sociais e até mesmo jogos eletrônicos (Hagemeyer, 2013).

De acordo com Pinheiro (2014), a importância de se estudar o cinema, que podemos também estender para todo o audiovisual, se dá pela sua onipresença na sociedade contemporânea, já que vivemos cercados por imagem, tanto nos cinemas, tv, computadores quanto nos tablets e celulares, disponíveis 24h por dia. Como o mesmo define “Somos a civilização da imagem, habitamos um mundo-tela em que tudo se dá a ver a um ponto tal, que já temos dificuldades para discernir o que é real e o que é cópia” (Pinheiro, 2014. p.15). E através do entendimento dessa forma de expressão será possível formar uma visão crítica da mesma e sua relação com a sociedade.

Em se tratando de economia criativa, a indústria audiovisual estimula a criatividade, gera empregos e impulsiona o crescimento econômico. O audiovisual é um dos maiores mercados do Brasil, com 86.227 empregos formais e contribuindo com 24,3 bilhões para o PIB em 2020 segundo dados divulgados pela Agência Nacional do Cinema (Ancine, 2024), ficando à frente das indústrias farmacêutica, têxtil e de equipamentos eletrônicos (Toledo; Garcia, 2023).

Além disto os filmes também são um meio em que a sociedade propaga seus saberes, costumes e valores, a sua cultura (Almeida, 2017). Através dos mesmos, é possível o espectador mergulhar em novas culturas que não teria contato de outra maneira, ou ver a sua própria realidade sendo retratada, criando um sentimento de pertencimento.

Milanesi (2003) afirma que após o advento do rádio e TV, não era mais imprescindível sair de casa para obter diversão, o que ocasionou em uma perda do aspecto aglutinador das apresentações culturais, não havendo a necessidade de se reunir fora da residência, contudo, ele assegura que há uma exceção: o cinema. O cinema continuou se distinguindo pela experiência coletiva, como “desejo de encontro, da convivência”, caracterizando as salas de exibição como espaços de sociabilidade, além do consumo de cultura.

Todavia, desde a década de 50, o cinema passou por diversas “crises” precisando se reinventar. Primeiramente com o advento dos televisores, em seguida com o VHS e TV a cabo, e mais recentemente com os serviços de streaming. Para proporcionar uma experiência única e não perder o seu público, o circuito exibidor se viu obrigado a investir em novas tecnologias, projetores, sistema de som, 3D. A necessidade de grandes investimentos somados a fatores como violência urbana, especulação imobiliária e dificuldade de estacionamento, contribuíram para o encerramento da atividade de muitos cinemas no mundo todo, principalmente dos cinemas de rua, espaços de exibição que se localizam diretamente na rua ou fora de complexos

comerciais, e pela substituição dos mesmos por cinemas multiplex, compostos de várias salas de tamanho reduzidos, em *shopping centers* (Bessa; Filho, 2014).

Apesar dos cinemas neste formato de multiplex “resolverem” o problema da segurança e de estacionamento, devido ao alto preço dos ingressos, estacionamento e até dos alimentos servidos, acabam limitando o acesso de grande parte da população. Além do mais, com um grande foco em filmes *blockbusters* americanos, mesmo dispendo de muitas salas acabam por terem sua programação reduzida a poucas opções de filmes. Diferindo da experiência dos cinemas de rua, que para atender seus diferentes públicos contavam com formas físicas e de funcionamento diferenciados, com preços dos ingressos, horários das sessões e os filmes exibidos ou outros espetáculos se adequando a sua realidade. Como por exemplo o Cine Paraíso que se localizava na Pedreira, que além de exibição de filmes tinha na programação a apresentação de grupos de Pássaros Juninos (Figura 01). Podendo os cinemas serem considerados pontos de encontro cultural e social por meio dos filmes exibidos (Moreira, 2022).

Figura 01 — Cine Paraíso na Pedreira. Letreiro anunciam a apresentação de Grupos de Pássaros Juninos



Fonte: Página de Facebook - Nostalgia Belém (2019)

3. ESTUDOS DE CASO

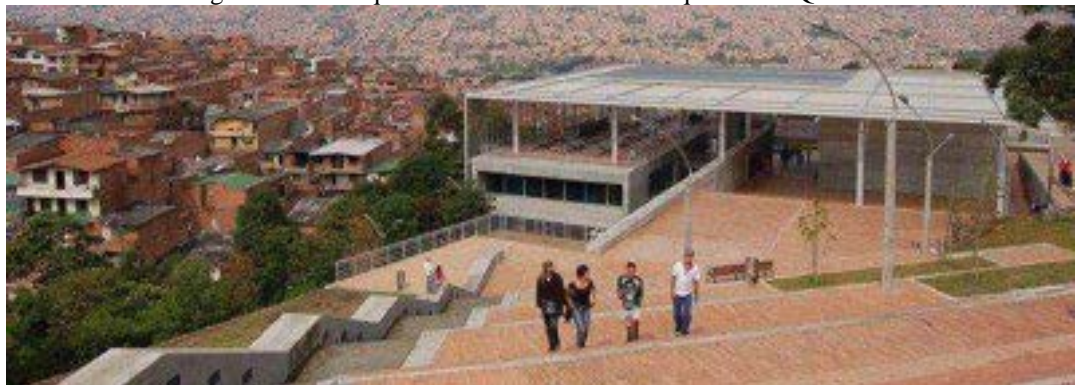
Para uma maior compreensão de como o espaço físico pode influenciar na utilização do edifício, se analisou três espaços culturais existentes, focando principalmente em como os mesmos atendem os programas, os fluxos, a integração de suas partes (educação, circulação e memória) com a convivência e seus impactos no seu entorno. Sendo os projetos analisados utilizados como referências iniciais para o desenvolvimento do projeto arquitetônico.

3.1 Parque Biblioteca Tomás Carrasquilla - La Quintana

Os parques bibliotecas, em conjunto com outras políticas administrativas e implementação de infraestrutura urbana, fazem parte da estratégia de urbanização adotadas em Medellín na Colômbia. Eles são equipamentos públicos com programas educativos e culturais, com atividades voltadas ao lazer e ao esporte, oferecendo espaço público de qualidade em áreas previamente abandonadas pelo poder público, fomentando a convivência e a prática da cidadania (Antonucci; Bueno, 2018).

Os Parques Bibliotecas também têm a intenção de alterar a imagem de Medellín, associada a casos de violência urbana, com os lotes onde se localizam os edifícios estando diretamente relacionados a históricos recentes de violência, como campos de execução, bases de tráfico de drogas, prisões. A intenção do projeto seria usar os locais e a “arquitetura monumental” como símbolos de modernização social (Capillé, 2017). Falando mais especificamente do Parque Biblioteca Tomás Carrasquilla (Figura 02), também conhecido como La Quintana, o mesmo fez parte dos primeiros equipamentos implantados deste tipo. Localizando-se em uma área íngreme que costumava estar entre as mais violentas da cidade entre as Comunas 6 e 7 (Capillé; Reiss, 2019).

Figura 02 — Parque Biblioteca Tomás Carrasquilla - La Quintana



Fonte: Ciudad y Arquitectura (2016)

Projetado pelo arquiteto Ricardo La Rotta Caballero, após ganhar o concurso público da prefeitura, com 3.703m² de área construída, abriu suas portas em 2007, apesar de não ser denominado como um Centro Cultural, é um Espaço Cultural com um programa similar, já que além da biblioteca em si, inclui salas de oficina, espaço de estudo, auditório, ludoteca (uma sala infantil para jogos), sala de computadores, áreas de convivência, além de oferecer cursos de informática, administração de pequenas empresas, idiomas e artes.

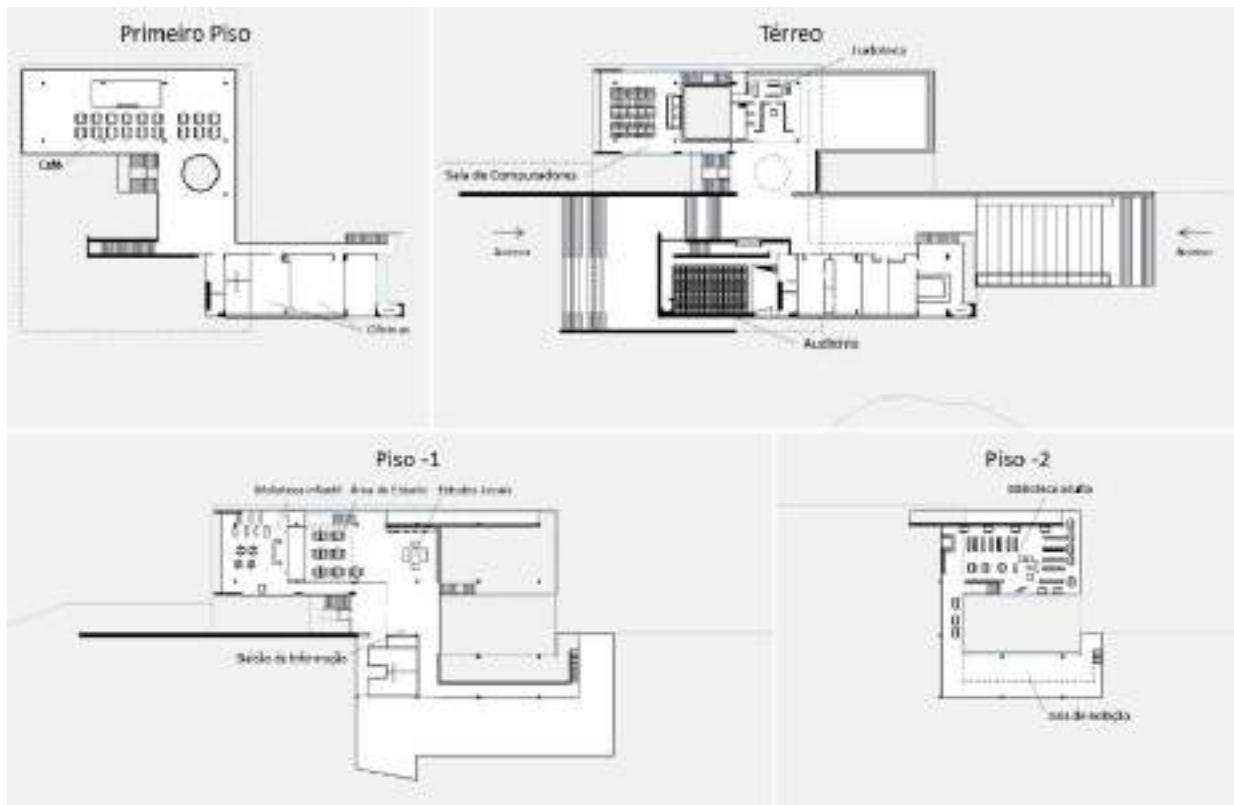
O edifício se conforma a declividade do lote formando uma espécie de “escada” com os pavimentos se sobrepondo, um corredor para pedestres corta seu eixo central, integrando a construção com a rua tanto no nível mais baixo quanto mais alto criando relações entre os dois bairros divididos pelo barranco, formando uma espécie de galeria central que divide a edificação em dois blocos (Figura 03). Como demonstrado nas plantas baixas dos pavimentos (Figura 04), em um bloco se localizam os espaços de uso cotidiano e livres para uso da população em geral, as bibliotecas (adulta e infantil), sala de estudos, sala de computadores, o café e a ludoteca. Enquanto no outro bloco se localizam os ambientes que dependem de programações específicas, e de entrada mais controlada, como salas de oficina, auditório e sala de exposição (ou exibição), administração e áreas técnicas.

Figura 03 — Eixo central caminhável da construção



Fonte: Capillé (2016)

Figura 04 — Planta Baixa Pavimentos La Quintana



Fonte: Capillé (2016)

Destaca-se no projeto a integração da edificação com o urbano, com o espaço público. Isso se vê no nível de acesso da edificação, que utiliza o mesmo tipo de pavimentação do exterior ao entrar, como uma continuação da rua, estes ladrilhos cerâmicos criam uma relação com as residências no entorno. Há praticamente uma ausência de paredes, e ambientes como o teatro ao ar livre, formado com bancos de concreto que utilizam a inclinação do terreno, e o

mirante sobre a cidade estão sob uma cobertura, que não é fechada, mas sim uma pérgola de metal e madeira, que também cobre o restante da edificação, permitindo sombreamento e ventilação natural, mas também criando uma unidade e borrando os limites entre interno e externo (Figura 05). Acrescenta-se a isso que grande parte dos ambientes fechados da edificação, no bloco da biblioteca e sala de computadores, tem o fechamento em vidro, então mesmo sem a continuidade física a continuidade visual não é interrompida.

Figura 05 — Espaço público coberto com pérgola



Fonte: Capillé (2016)

Quanto ao fluxo dentro da edificação, com exceção do café, para acessar os ambientes do bloco da biblioteca se deve necessariamente passar pela mesa de informações, com este ambiente servindo de controle, significando que mesmo a Ludoteca e Sala de Computador sendo visível no pavimento de entrada, é preciso descer um pavimento e subir as escadas da sala de estudos.

É possível perceber neste projeto um cuidado para integrar espaços de aprendizado com espaços de socialização, fazendo jus ao nome de parque biblioteca e ao seu objetivo de possibilitar a convivência e a prática da cidadania. Isso se prova no uso contínuo do espaço até hoje pela população local, segundo Clara Mejía Correa, gerente de coordenação do Parque Biblioteca, estes espaços são bastante utilizados pela população, nos fins de semana, mesmo que não haja muita gente utilizando a biblioteca, se vê pessoas sentadas e conversando no mirante e outros espaços públicos. E há uma apropriação do espaço por eles, com os mesmos transformando o edifício, em um processo comunitário, para atender os seus desejos, como adequar a sala de oficinas para aulas de danças (Restrepo, 2015). De acordo com Cauê Capillé (2019) “Ao servirem de novos espaços de encontro e produção cultural, os Parques-Biblioteca estimulam novas formas de empoderamento político/cultural dessas comunidades periféricas”.

3.2 Centro Cultural Lá Da Favelinha

O Centro Cultural Lá da Favelinha (Figura 06), criado em 2015, é uma iniciativa independente e sem fins lucrativos do artista Kdu dos Anjos, ocupando uma edificação já existente localizada na vila Novo São Lucas, no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, também conhecida como Favelinha, é “uma organização artística-cultural que busca promover o empreendedorismo social e o desenvolvimento humano através da arte”. Inicialmente seria somente um espaço para oficinas de rap e uma biblioteca comunitária, porém diante das demandas da comunidade por outras atividades culturais se formou este espaço comunitário e de formação profissional, com o fim de articular o conhecimento artístico e intelectual, proporcionando melhores condições de vida para os habitantes da região (Centro Cultural - Lá da Favelinha, [s.d.]). Segundo o website da instituição:

Atualmente, a instituição oferece treze oficinas gratuitas, voluntárias e semanais. Além das oficinas, o Centro Cultural promove eventos, tem uma cooperativa de moda sustentável, que é a marca Remexe, e constrói parcerias com o objetivo de desenvolver projetos socioculturais que têm um caráter educativo e empreendedor. Através dessa dinâmica, mobiliza pessoas de dentro e fora da comunidade e promove um intercâmbio de experiências e conhecimentos (Centro Cultural - Lá da Favelinha, [s.d.])

Figura 06 — Vista aérea do Centro Cultural Lá da Favelinha e entorno



Fonte: Leonardo Finotti (2023)

A transformação no espaço atual começou em 2017, quando se formou o coletivo LEVANTE, que encabeçou a reforma da edificação. Este coletivo é voltado para desenvolvimento de projetos de arquitetura em favelas e periferias, sendo formado por profissionais e estudantes, incluindo arquitetos, designers, engenheiros, paisagistas, e trabalhadores da comunidade: costureiras, empresas de engenharia, pedreiros, serventes,

serralheiros, vidraceiros e pintores do Aglomerado. O projeto foi realizado ao longo de aproximadamente três anos em um processo colaborativo com a comunidade Lá da Favelinha, alterando profundamente a edificação (Figura 07) (Centro [...], 2023).

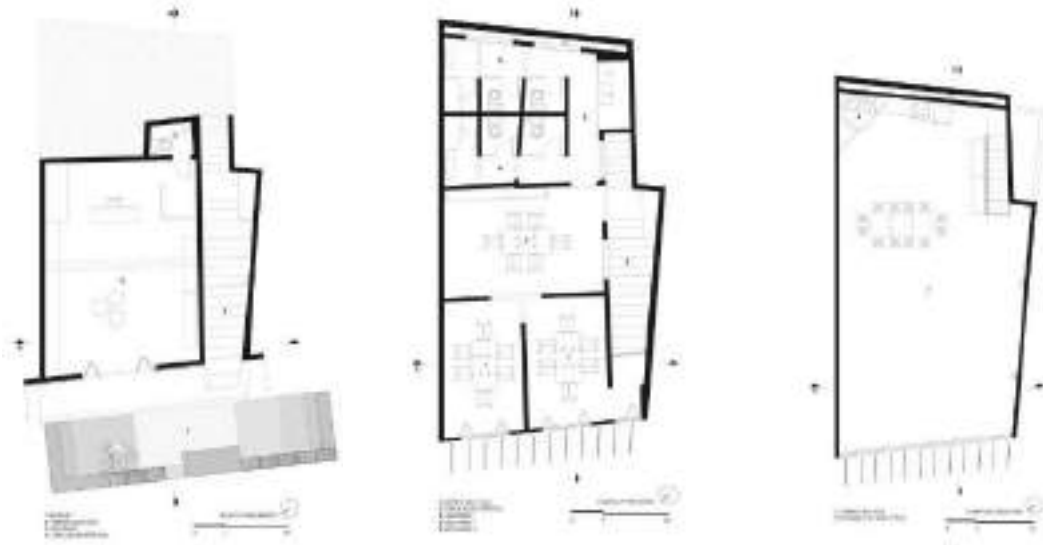
Figura 07 — Antes e depois da reforma do Centro Cultural



Fonte: Lá da Favelinha (2021)

A edificação ocupa integralmente o terreno de 78,20m², totalizando 194,73m² somando-se os três pavimentos, apesar de antes da reforma apenas dois deles estivessem em uso, com o terraço servindo de depósito. Atualmente, no térreo funciona a loja, vendendo diversos produtos, feitos dentro da comunidade criando uma conexão direta entre o prédio e a rua. O primeiro pavimento se divide entre espaços de apoio, vestiários e espaços de trabalho, onde hoje está a administração e gestão do Centro Cultural, também abrigando aulas de línguas, música, escrita e costura. No segundo pavimento está o terraço multiuso, um espaço flexível, onde ocorrem aulas de dança, capoeira, yoga, podendo receber as atividades promovidas pelo Centro Cultural e outros eventos, além de ser um incrível mirante sobre o Aglomerado. Segundo os idealizadores do projeto as intervenções no espaço tiveram a intenção de readequar os espaços de acordo com seu uso. Gerando pavimentos mais abertos à livre apropriação (pavimento térreo e terraço), e outro mais compartimentado e com usos definidos (primeiro pavimento), como se verifica nas plantas baixas da edificação (figura 08) (Barreira; Lobato, 2022).

Figura 08 — Planta baixa térreo, 1º e 2º pavimento



Fonte: ArchDaily (2023)

De acordo com o Memorial do coletivo Levante, como partido, “o projeto deveria refletir e reafirmar a alegria, a vibração e a potência criativa das pessoas que vivem o centro cultural” (Barreira; Lobato, 2022). Isso se confirmou em vários aspectos, como nas cores vibrantes utilizadas no projeto (figura 09), que servem como um cenário para as manifestações artísticas, como danças e música, e econômicas, sendo o fundo para divulgação de produtos criados na comunidade, como no caso do projeto de moda e upcycling REMEXE. Este partido também fica evidente no aspecto colaborativo do projeto, com o elemento mais marcantes do exterior, os brises de tecido feitos com faixas vermelhas de tela agrária (figura 10), sendo produzidos pela equipe do REMEXE, funcionando não apenas como instrumento para amenizar a incidência direta do sol e garantindo a ventilação pelos elementos vazados, como também um marco estético, diferenciando a edificação do entorno a transformando em um marco e ponto de referência, mesmo com a mesma seguindo um volume e escala semelhante a vizinhança.

Figura 09 — Espaços internos com cores vibrantes



Fonte: Vitruvius (2022)

Figura 10 — Brises de tecido vermelho marcando a fachada da edificação



Fonte: Leonardo Finotti (2023)

Além dos brises, em frente a calçada foi elaborado o “Parklet Favelinha”, com apoio da prefeitura, utilizando carteiras descartadas por escolas públicas para sua construção. Para sua concepção maquetes foram elaboradas utilizando brinquedos, junto a grupos de crianças e jovens locais, ajudando a pensar na funcionalidade do espaço.

É possível perceber que a arquitetura do Centro Cultural Lá da Favelinha buscou representar o ambiente em que insere, se tornando um espaço de possibilidades, com o uso de ambientes multiuso, como o terraço do centro cultural (figura 11), como forma de se adaptar as exigências e dinâmicas da região. Podendo ser um potencializador da cultura local e da criatividade, criando um espaço de reunião e troca. uma pulsão criativa organizada em rede. Oportunidades de desenvolvimento e aprimoramento de talentos caracterizam o papel da edificação, que, por tudo isso, se transforma em marco identitário da favela. Segundo Marquez

(2020), o Centro cultural é um espaço que “transforma o seu entorno e todos que participam do mesmo, através de uma inclusão social natural, abertura aos vizinhos, clareza de propósito político e educação experimental”.

Figura 11 — Vista do terraço do Centro Cultural



Fonte: Leonardo Finotti (2023)

3.3 Curro Velho

O núcleo de oficinas Curro Velho (Figura 12) é um espaço cultural e de educação situado no bairro do Telégrafo em Belém, as margens da Baía de Guajará. O Curro Velho não é denominado um centro cultural, porém cumpre as funções descritas por Milanesi de “informar, discutir e criar”, já que o mesmo mantém um ciclo de oficinas de iniciação em arte, cursos de capacitação, possibilitando qualificar jovens e adultos para oportunidades de emprego e renda, uma biblioteca, além de espaço para expor obras de alunos além de uma programação cultural, com espetáculos cênicos e musicais, exposições, palestras, rodas de conversa e debates. Se destacando as exposições do resultado dos cursos ao fim de cada módulo e os momentos que mais envolvem a comunidade do entorno, indo além das limitações da edificação: as festividades do Carnaval, das festas Juninas e do Natal (Institucional [...], [s.d.]).

Figura 12 — Fachada principal do Curro Velho



Fonte: Augusto Miranda/ Ag. Pará (2024)

Figura 13 — Festividades do Carnaval do Curro Velho pelas ruas de Belém



Fonte: David Alves/ Ag. Pará (2024)

A instituição ocupa um prédio histórico construído em 1861, que pode ser visto antes da reforma na figura 14, com o objetivo original de abrigar o primeiro matadouro público da cidade, que funcionou até 1912 ao se tornar obsoleto e impróprio por razões de higiene. Apesar de ter sido projetado como matadouro, pelo seu bom espaço físico e localização foi utilizado para abrigar outros órgãos, porém sem cuidado acabam por transformar o mesmo em ruínas (Oliveira, 1991).

Figura 14 — Antigo Curro Velho visto a partir da baía



Fonte: <https://fauufpa.org/> (2016)

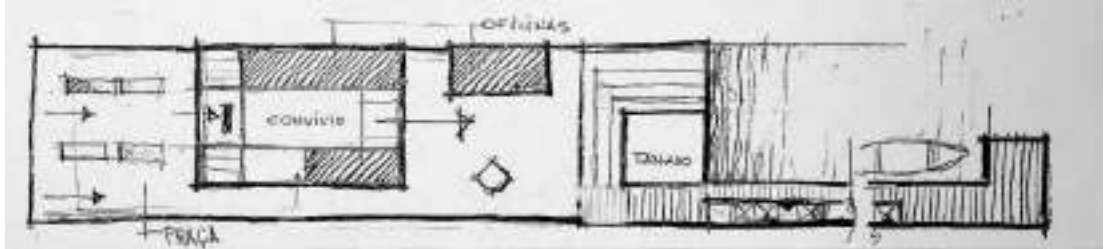
O processo de restauro e readequação da edificação se inicia em 1989, coordenado pela Arquiteta Dina Oliveira, que buscava criar um espaço que “fosse coerente ao desenvolvimento da atividade a que se destinava e que, principalmente, não destoasse do todo arquitetônico de Belém, mas refletisse características culturais da cidade” (Oliveira, 1991, p. 9). Sendo cruciais para o projeto que a natureza deveria estar presente como cenário, e o ambiente deveria ser legível, representando para o observador sua função e a cidade, já que um ambiente organizado seria essencial para a educação estética.

O Espaço do Curro Velho cumpre esses critérios, pela ligação ao rio, permitindo o contato com essa paisagem que por muitas vezes se perde na cidade, e com a edificação em si com suas características neoclássicas, relembrando o valor histórico da construção, além de sua forma marcante, servindo como um ponto de referência devido a sua arquitetura distinta, com a simetria e ritmo que criam uma forte imagem, com o próprio eixo da edificação alinhado à Tv. Djalma Dutra, em frente a mesma. A sua localização também permite estar próximo do público prioritário do espaço que são estudantes de escola pública, populações de baixa renda e comunidades tradicionais, como é o caso da Vila da Barca que se localiza a poucos minutos de distância.

Para o restauro, além de consertar partes danificadas e substituir algumas alterações feitas durante os anos, poucas alterações foram feitas no exterior da edificação, se concentrando na readequação dos espaços internos, onde ficou dividido em um grande salão central, que permite encontros, trocas e servindo como espaço de exibição de obras, e nas laterais da edificação as salas de oficina e administração, com os espaços voltados para o público em geral, como a biblioteca e a loja, se localizando na frente da edificação, sendo possível verificar a organização do espaço no croqui de Dina Oliveira (figura 15). A alteração mais marcante no espaço interno se deu na instalação de um mezanino de aço neste salão

central, por onde podem ser feitas projeções de filmes na própria parede interna, aproveitando o pé direito alto, com a diferença do material utilizado deixando claro que foi uma adição posterior a edificação.

Figura 15 — Croqui demonstrando a divisão de uso dos ambientes



Fonte: Dina Oliveira (1991)

Aos fundos da edificação com o objetivo de criar mais um espaço para encontros e ligação com a natureza, foi realizada uma ampliação do trapiche por onde era descarregado o gado, agora como um lugar de contemplação. Além disso foi criada uma espécie de praça (Figura 16) onde podem ocorrer eventos para o público e comunidade em geral. Nesta praça, como cantina, foi recriado um quiosque tradicional que se localizava na Praça Brasil que foi perdido em um incêndio, remetendo a estes elementos históricos presentes na cidade. Também foi criado um espaço específico aos fundos para as oficinas de cerâmica e marcenaria, devido aos equipamentos únicos necessários para esse tipo de produção, além do barulho que poderia atrapalhar outras oficinas.

Figura 16 — Praça aos fundos do Curro Velho



Fonte: Agência Pará (2015)

O Curro Velho foi planejado com painéis móveis funcionando como divisórias entre as salas de oficinas, permitindo a adaptação das mesmas durante o tempo dependendo do uso necessário. Ao longo dos anos foi incorporado a instituição a edificação ao lado, que hoje abriga o Núcleo de Práticas de Ofício e Produção, com foco maior em qualificar jovens e adultos para

oportunidades de emprego e renda. Com presença de um teatro, salas para práticas de Marcenaria e ofícios com meios digitais, como animação e ilustração e até criação de *vídeo games*.

Este núcleo de oficinas, tem um grande impacto na sociedade, principalmente na comunidade do seu entorno, devido ao incentivo da participação da mesma em suas atividades, motivando inclusive a comunidade a realizar protestos (AMVB, 2024; BRANDÃO, 2019), quando sentem que a manutenção do Curro Velho e suas oficinas podem estar ameaçadas, comprovando o significado da instituição para a população da cidade.

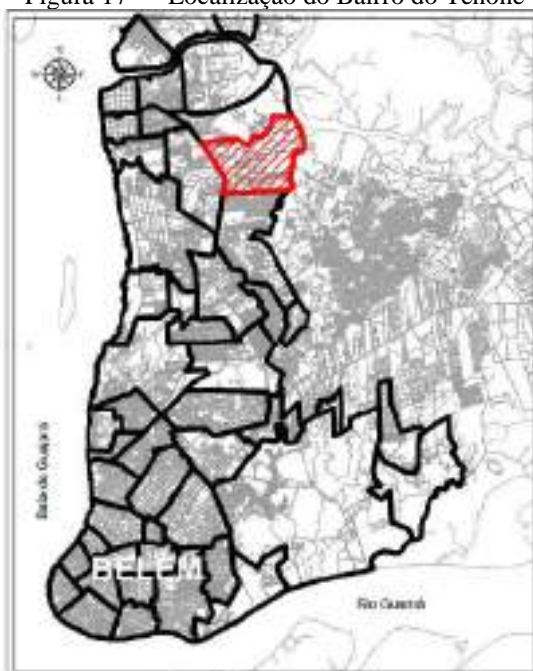
4. ÁREA DE IMPLANTAÇÃO

4.1 Caracterização do Bairro

O Bairro do Tenoné se localiza no espaço entre a Rodovia Augusto Montenegro e o Rio Maguary, estando ao norte do Bairro do Coqueiro, e ao sul do Bairro Águas Negras (Figura 17). Seu nome se deve a antiga estação de trem do Tenoné, que servia de parada para a Estrada de Ferro Belém-Bragança, localizada no trajeto da atual Rod. Augusto Montenegro. De acordo com o plano diretor de Belém (2008), no bairro estão presentes duas Zonas do Ambiente Urbano (ZAU): ZAU 4, predominante na maior parte do bairro e ZAU 6 (Setor IV), sendo composta pela área do bairro adjacente a Rod. Augusto Montenegro. Ainda segundo o plano diretor municipal de Belém:

“A Zona do Ambiente Urbano 4 (ZAU 4) caracteriza-se por ter uso predominantemente residencial, atividades econômicas dispersas, presença de núcleos industriais, carência de equipamentos públicos, infra-estrutura não consolidada, terrenos subutilizados ou não utilizados, com ociosidade de grandes áreas, incidência de loteamentos destinados à classe média alta e ocupações precárias” (Belém, 2008, p.51)

Figura 17 — Localização do Bairro do Tenoné



Fonte: Prefeitura de Belém (2014)

Segundo o censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o bairro tem uma população de 36.692 habitantes, um crescimento de 20,58% quando comparado com os 30.429 de 2010 (IBGE, 2010), contrastando com o número geral de habitantes de Belém, que diminuiu de 1.393.399 para 1.303.403 no mesmo período. Em 2010, a base de dados mais recente disponível, a renda domiciliar per capita de 66,05% das residências era de 1 salário-mínimo ou menos (IBGE, 2010), e se considerarmos os domicílios sem renda declarada (inclusos nestes domicílios com rendimento nominal mensal domiciliar per capita somente em benefícios) são 75,50%. Um total de 6238 famílias vivendo com R\$510,00 ou menos por pessoa. Caracterizando a população do bairro como de baixo poder aquisitivo.

O Tenoné está situado na área de expansão de Belém, que segue o eixo da Rd. Augusto Montenegro. Esta região, inicialmente ocupada por propriedades rurais, nos anos 70 foi utilizada pelo poder público para a implantação de grandes conjuntos habitacionais, para atender a população de baixa renda. Posteriormente, nos anos 2000, a região se tornou atraente para produção imobiliária de habitação de alta renda, com grandes investimentos na produção de shopping centers, hipermercado e estabelecimentos comerciais (Ventura Neto, 2016 apud Cardoso et al., 2016). De acordo com Cardoso e Miranda (2016), neste intervalo, a área foi ocupada por grupos sociais marginalizados, resultando em variados tipos de assentamentos. Com a ausência de uma diretriz de ocupação oferecida pelo setor público, se concretizou uma

ocupação marcada pela fragmentação espacial e segregação social, demarcados por muros e bloqueios de ruas.

Esta fragmentação fica evidente ao observarmos a figura 18, que localiza os condomínios e clubes privados no bairro e seu entorno. Estes empreendimentos limitam as possibilidades de expansão e criação de vias de conexão dentro do bairro ou para fora do mesmo, inclusive dificultando o acesso a Rod. Augusto Montenegro, a principal via de conexão do bairro com o restante da cidade, com a Rua Alacid Nunes sendo praticamente a única conexão do bairro com a mesma.

Figura 18 — Mapa demarcando condomínios e clubes privados



Fonte: Google Maps (2024). Elaborado pelo autor

No geral, se constata que no bairro há uma infraestrutura precária, com apenas 52% dos domicílios tendo acesso a água da rede geral e 20,38% a rede de esgoto, com 43% se utilizando de fossas rudimentares (IBGE, 2010). Além disso, grande parte das vias estão em estado precário, sem asfaltamento ou muito desgastadas, também havendo uma carência de equipamentos públicos de qualidade, destacando-se aqui a escassez de espaços públicos de lazer que consigam atender a população, sendo identificados no bairro, através do Google Maps, apenas 4 praças públicas de pequeno porte, sendo que 3 estão em estado precário (Figura 19). Essa situação se contrasta com a realidade encontrada nos condomínios fechados, presentes no mesmo bairro, que dispõem de praças próprias e outras áreas de convivência, ressaltando a segregação social no bairro. Ademais, como estas áreas privadas acabam funcionando como barreiras, dificultam o acesso mesmo a equipamentos fora do bairro.

Figura 19 — Mapa localizando praças do Bairro Tenoné



Fonte: Google Maps (2024). Adaptado pelo autor

Também não se identificou no bairro espaços voltados para usos culturais, como bibliotecas, teatros, cinemas, museus ou mesmo casas de show. Com alguns dos espaços culturais mais próximos, nos bairros em seu entorno, sendo espaços privados, que acabam sendo inacessíveis para parte da população que está em situação de vulnerabilidade. O espaço público onde atividades culturais são realizadas, com oficinas, biblioteca, apresentações, mais próximo, é a Usina da Paz Benguí, que está por volta de 7 km de distância do Tenoné. Com esta distância inviabilizando a participação da população do Tenoné.

Porém é possível verificar que há produção cultural ocorrendo no bairro. Segundo o mapa cultural do Pará (figura 20), o bairro abriga diversos agentes culturais de diferentes áreas, se destacando a presença de produtores audiovisuais, de dança e cultura popular.

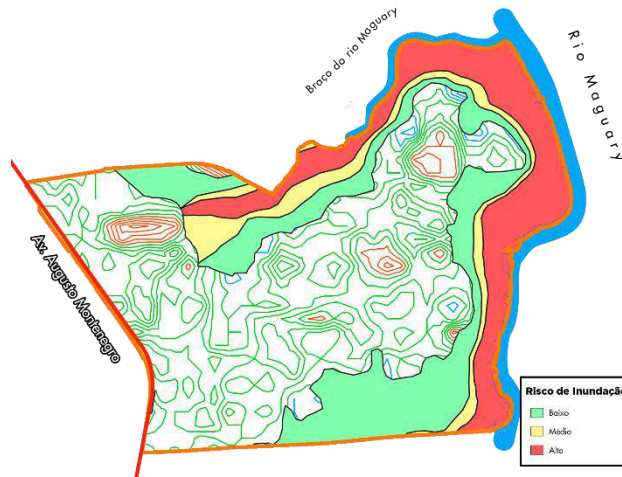
Figura 20 — Mapa localizando agentes culturais no Bairro do Tenoné



Fonte: Mapa Cultural do Pará (2025). Adaptado pelo autor

Segundo Miranda (2021) (figura 21), uma parte significativa do bairro está suscetível a inundações. Principalmente áreas próximas ao rio Maguary, e na região norte do bairro, que margeia um braço do rio. Estas inundações podem ser agravadas devido a perda de áreas permeáveis e cobertura vegetal na região, o que já vem ocorrendo no bairro.

Figura 21 — Mapa de Risco de Inundação do Tenoné



Fonte: Thales Miranda (2021). Adaptado pelo autor (2025)

De acordo com estudo realizado por Araújo, Luz e Rodrigues (2012), de 2006 até 2011 a cobertura vegetal do Tenoné foi reduzida de 54,09% da área total do bairro para 36,12%, acima dos 30% recomendados para uma boa qualidade de vida, porém os mesmos alertam para a perda gradativa da cobertura verde do bairro em virtude do intenso processo de expansão urbana. Com esta redução da vegetação nas áreas urbanas, normalmente acompanhadas da impermeabilização do solo, podendo ocasionar vários problemas destacando-se alterações climáticas e suas consequências (assoreamento de rios, enchentes, “ilhas de calor”, etc.).

No mesmo estudo é constatado que a forma de vegetação mais presente no bairro são em grandes sítios bem arborizados, ressaltando que apesar da cobertura vegetal de 36% do Tenoné, o mesmo não apresenta uma boa qualidade ambiental para toda sua população por concentrar sua vegetação em áreas privadas. Sendo apontado pelos autores a necessidade de criação de áreas verdes de lazer, como parques públicos que são “importantes tanto para o lazer como para a estética do espaço e conseqüentemente para uma boa qualidade de vida para a população” (Araújo et. al., 2012). Observando imagens de satélite, figura 22, é possível identificar que nos anos após o estudo a cobertura verde do Tenoné diminuiu ainda mais, devido ao processo de ocupação, tanto por ocupações espontâneas, quanto por condomínios privados e conjuntos habitacionais.

Figura 22 — Imagens de Satélite do Tenoné em 2010 e 2022 respectivamente.



Fonte: Google Earth (2025)

4.2 Lote para implantação

Para a escolha do lote para a implantação do projeto de Centro Cultural, se buscou um lote que atualmente está ocioso, como se pode ver na figura 23, e com uma extensão que tenha possibilidade de comportar uma edificação para atender os habitantes do Bairro e entorno, além da criação de uma praça, como espaço de lazer de qualidade. O lote escolhido tem uma área de aproximadamente 13.500 m², se localizando em uma região do bairro predominantemente residencial, entre as Travessas WE 04 e WE 05 e as Ruas SN 07 e SN 02 (Figura 23).

Figura 23 — Imagem do lote atualmente em desuso



Fonte: Google Streetview (2024)

Figura 24 — Localização do Lote no Bairro



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Este espaço também se beneficia da proximidade de outros equipamentos públicos, uma escola de ensino fundamental e médio, um Unidade de Saúde da Família (USF) e uma Unidade Integrada ProPaz (UIPP), que é uma unidade policial que reúne os serviços policiamento e serviços psicossociais, como mediação de conflitos, emissão de RG, entre outros. Este acúmulo de equipamentos e serviços em uma localidade, demonstrado na figura 25, auxilia a criação de uma centralidade no Bairro. Também se favorecendo a escolha deste lote devido à proximidade de pontos de ônibus na Passagem Sexta Linha, que facilitam o acesso ao equipamento.

Figura 25 — Lote e equipamentos públicos na proximidade



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

5. O PROJETO

5.1 Conceito

Este projeto se baseia no potencial de transformação social que um centro cultural pode proporcionar, como um espaço de convivência, encontros, lazer e de formação e produção cultural. Visando também atender suas questões específicas do Tenoné, como um bairro da área de expansão de Belém com carência de espaços públicos de qualidade e a redução de áreas verdes, se propõe junto ao centro cultural o desenvolvimento de uma praça como extensão do mesmo. Um espaço que possa ser apropriado pela população local, sem depender de uma programação ou autorização institucional, atendendo os mais diversos públicos dentro do bairro. Além de ser uma forma de garantir a manutenção e acesso público a área verde do bairro, que está em processo de diminuição.

Se inspirando nas tipologias dos cinemas de rua, especialmente nas suas marquises, que por ser um espaço com abrigo das intempéries e onde as pessoas precisam esperar para comprar seu ingresso, se tornavam um ponto de encontros e de trocas antes ou depois da sessão. Buscando-se no projeto também criar estes espaços, que mesclam o interior e o exterior, como locais de espera, de encontro, ou mesmo apenas como abrigo da chuva.

A proposta busca, assim, consolidar um lugar de referência no bairro, que promova a democratização do acesso à cultura e ao lazer, ao mesmo tempo em que contribui para a manutenção da qualidade ambiental e para o fortalecimento da identidade comunitária. Um local de encontros e trocas de experiências, oferecendo a população a oportunidade de se organizar e a capacidade de ser agente da sua própria mudança.

5.2 Programa de Necessidades

Conforme observado nas referências projetuais analisadas centros culturais não possuem modelo único e rígido, variando de acordo com seu contexto e objetivo, mas no geral esses equipamentos articulam três eixos principais: difusão cultural, realização de eventos e formação educativa. Sendo possível dividir os ambientes em três setores principais, o setor público, onde ficam as atividades de consulta, eventos e difusão cultural, um setor educativo e de formação, e um setor administrativo e de apoio.

Para o dimensionamento geral do equipamento, adotou-se como referência Milanesi (2003), que recomenda área entre 1 m² e 3,33 m² para cada 100 habitantes. Considerando a população atual do bairro (36.692 habitantes) e uma projeção de crescimento para o futuro, bem como a possibilidade de atendimento a bairros adjacentes, estimou-se um público potencial de 50.000 habitantes, o intervalo recomendado seria entre 500 m² e 1.666 m². Entretanto, o pré-dimensionamento (Figura 26) resultou em área construída de 2.064 m², justificando-se pela ampliação das áreas de convivência e exposição, além de que pelo foco na formação e difusão audiovisual outros espaços foram incorporados ao programa, voltados à produção e capacitação técnica, como sala de edição, estúdio audiovisual e estúdio de som, assim como no cinema e videoteca.

Figura 26 — Pré-dimensionamento

PRÉ DIMENSIONAMENTO m ²					
PÚBLICO					
AMBIENTE	QUANTIDADE	ÁREA (m ²)	ÁREA TOTAL (m ²)		
FOYER/EXPOSIÇÃO	1	50	50		
BANHEIRO MASCULINO	1	76	76		
BANHEIRO FEMININO	1	76	76		
BANHEIRO PCD	1	5	5		
CINEMA/AUDITÓRIO 70 Lug	1	184	184		
VIDEOTECA	1	20	20		
BIBLIOTECA	1	100	100		
SALA DE INFORMÁTICA	1	22	22		
				Total do Setor:	533
ENSINO E PRODUÇÃO					
SALA DE AULA MULTIUSO	4	39	156		
SALA DE DESENHO	1	39	39		
SALA DE EDIÇÃO	1	39	39		
ESTÚDIO DE SOM	1	20	20		
ESTÚDIO	1	60	60		
CAMARIM/MAQUIAGEM	1	15	15		
HALL	1	400	400		
BANHEIRO MASCULINO	1	76	76		
BANHEIRO FEMININO	1	76	76		
BANHEIRO PCD	1	5	5		
DEPÓSITO DE EQUIPAMEN	1	40	40		
				Total do Setor:	926
ADM. E SERVIÇO					
SECRETARIA	1	15	15		
DIREÇÃO	1	15	15		
BANHEIRO MASCULINO	1	15	15		
BANHEIRO PCD	1	5	5		
BANHEIRO FEMININO	1	15	15		
SALA DE REPOUSO	1	15	15		
DML	1	4	4		
SALA DE PROFESSORES	1	25	25		
COPA	1	20	20		
				Total do Setor:	129
				10% Circulação	
				30% Circulação e Paredes	
TOTAL:			1588	1747	2064,4

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Ainda segundo Milanesi, para essa população recomenda-se um acervo aproximado de 6.250 títulos na biblioteca, no mínimo cinco computadores e cerca de 250 títulos audiovisuais.

As atividades formativas, contudo, não se restringem ao audiovisual, podendo abranger desenho, animação, fotografia, jogos digitais e outras práticas compatíveis com as salas. Atividades corporais, como dança, podem ser realizadas em espaços de maior flexibilidade, como o hall ou o estúdio.

O setor educacional foi dimensionado para atender aproximadamente 240 alunos por dia, distribuídos em dois turnos. A organização contempla quatro salas multiuso com capacidade para 20 alunos cada, além de sala de desenho, sala de edição e estúdios especializados. O cinema/auditório foi dimensionado para 80 lugares, atendendo tanto exposições quanto pequenas palestras e eventos.

De acordo com a Lei Complementar de Controle Urbanístico do Município de Belém – LCCU (BELÉM, 2011) o lote pode se enquadrar no modelo urbanístico M15, permitindo

coeficiente de aproveitamento máximo de 1,4. A legislação estabelece ainda taxa mínima de permeabilidade de 10%. Ainda segundo esta lei, para uma construção de cursos especializados se necessita de 1 vaga para carros a cada 70m², em vias que não se localizam em corredores de comércio e serviço nem de alto tráfego. Sendo necessários no mínimo 30 vagas para a construção.

No que se refere ao dimensionamento do cinema, foram consideradas as recomendações técnicas da Associação Brasileira de Cinematografia (2009), que atualiza parâmetros da NBR 12237 (1988), articulando-os com normas contemporâneas e com as exigências da NBR 9050 (ABNT, 2020). Também foram observadas as disposições do Decreto Federal nº 9.404/2018, que determina reserva mínima de 2% dos assentos para pessoas em cadeira de rodas e 2% para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, com adequação dimensional específica.

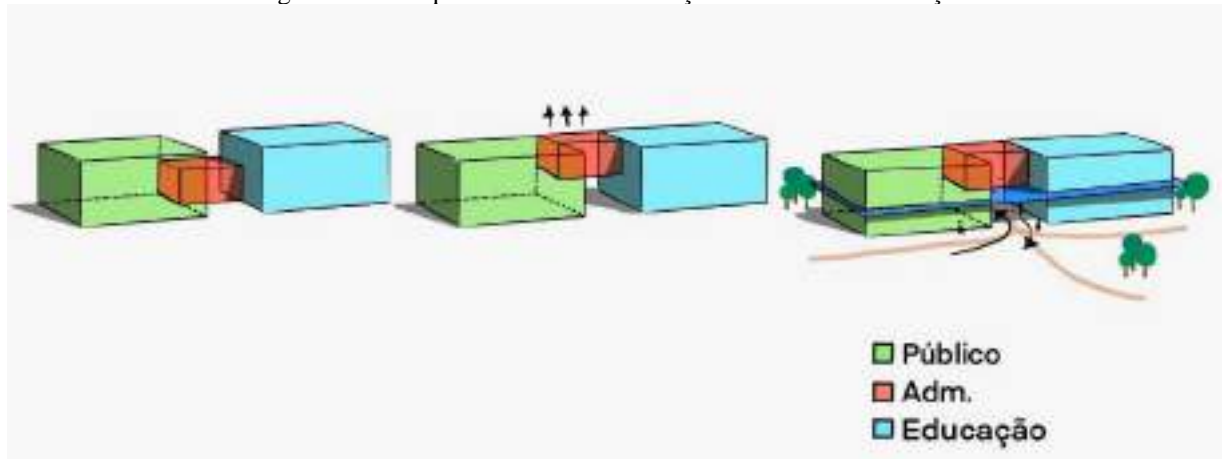
Considerando que a legislação municipal de edificações não apresenta parâmetros específicos para centros culturais, adotou-se como referência o Art. 53 da Lei de Edificações de Belém, relativo a galerias comerciais, que determina um conjunto de vaso e lavatório para cada 150 m² de área útil ou fração. Aplicando-se esse critério à área do projeto, obtém-se um total mínimo de 14 sanitários, distribuídos por sexo e contemplando unidades acessíveis.

5.3 Partido

O partido organiza a edificação em 3 blocos, definidos por setores: um público, com as atividades para o público em geral, a biblioteca, videoteca, sala de informática e o cinema/auditório, mais próximo à rua, criando essa relação direta. Um de educação/formação, mais afastado da rua, um pouco mais reservado, abrigando as salas de aula e oficinas. E conectando entre os dois, o bloco de administração e serviço, por ser necessário essa proximidade com as duas outras atividades, para dar suporte e apoio.

Como não é desejado o acesso direto do exterior para o setor administrativo, e buscando criar uma maior integração da edificação com o entorno, se elevou o bloco de serviço, criando uma conexão entre os outros volumes e gerando um vazio entre os mesmos. Este vazio se torna uma praça coberta, central ao projeto, sendo uma ligação entre interior e exterior, um espaço livre, para encontros, descanso, e atividades externas, como demonstrado na figura 28. Possibilitando que a praça passe pela edificação sem a mesma se tornar uma barreira no meio do lote, convidando o usuário da praça a conhecer o Centro Cultural, o usuário do centro a explorar a praça.

Figura 28 — Esquema mostrando evolução da forma da edificação

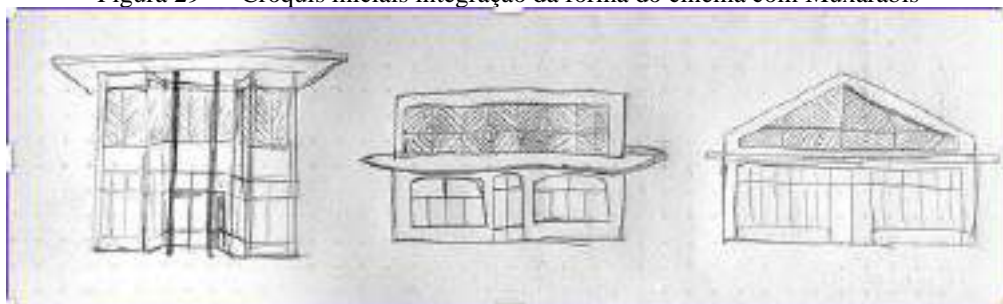


Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A organização em dois volumes permite a divisão dos fluxos, distinguindo percursos públicos, vinculados à biblioteca e ao cinema, dos fluxos controlados do setor educacional. A praça central atua como distribuidor principal, organizando e integrando os acessos.

Com este projeto também se tem como objetivo fortalecer a identidade local através da incorporação de elementos da cultura paraense, e inspirado em cinemas no Brasil e no mundo que adotavam o estilo art decó, que procurava aliar a arquitetura moderna, mas com a manutenção de elementos decorativos, buscou-se fazer uma incorporação de elementos da cultura local no projeto, como na forma dos muxarabis e cobogós e também na escolha de vegetação nativa, também adaptando a edificação as condições climáticas da cidade.

Figura 29 — Croquis iniciais integração da forma do cinema com Muxarabis



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Para ressaltar a diferença entre os dois blocos, enquanto o bloco público é mais aberto visualmente, e mais marcado pela inspiração dos cinemas: com linhas mais rígidas, com o ritmo dos pilares, o muxarabi funcionando também como um “frontão” da edificação, o bloco de educação assume um aspecto mais contemporâneo, com o canto curvo e uma “segunda pele”

formada por cobogós, para atividades mais reservadas, porém mantendo a ventilação e a iluminação natural controlada no ambiente.

Figura 29 — Estudos iniciais da volumetria da edificação



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Figura 30 — Estudos iniciais da volumetria da edificação, caminho da praça atravessando a edificação



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

5.4 Implantação

A implantação do conjunto levou em conta aspectos tanto climáticos e urbanos. A edificação foi implantada no sentido sul-norte, garantindo que a mesma receba os ventos do leste, que são os predominantes na cidade de Belém (figura 31), favorecendo a ventilação cruzada, com o bloco público localizado mais próxima a via principal, Tv. WE 04, onde estão a UIPP e escola fundamental e média, além de ser mais próximo do ponto de ônibus, reforçando sua condição de equipamento aberto à comunidade e favorecendo a visibilidade das atividades

internas. Já o bloco educacional mais ao centro da praça, com a união entre os blocos criando um “enclausuramento” da área central, formando uma praça coberta.

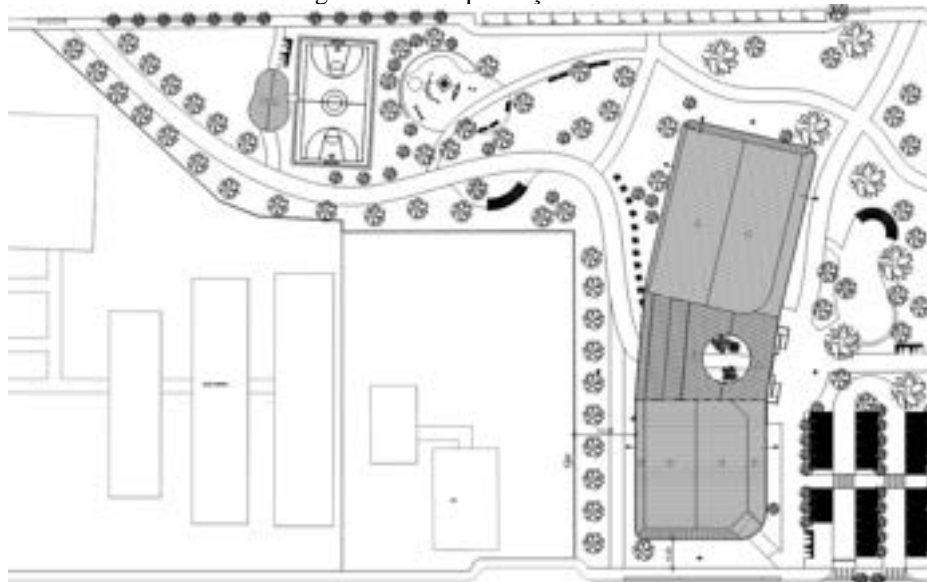
Figura 31 — Gráfico Rosa dos Ventos - Belém



Fonte: Projeteee (2026)

Se articulando no entorno dessa “praça coberta”, buscou-se criar uma centralidade na praça, aproximando um espaço livre de convivência, onde podem ser exercidas atividades diversas de acordo com a vontade da população, como feiras, exposições externas, e situando uma lanchonete, reunindo outro serviço a este centro da praça. Além disso se cria um caminho passando por baixo desse bloco administrativo, ligando as atividades centrais da praça aos usos mais distantes.

Figura 32 — Implantação no lote



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Próximo a via principal se locou um estacionamento com 30 vagas, com pisograma de concreto no espaço das vagas para manter a permeabilidade do solo. Além destas vagas se criou mais 15 vagas próximas a Tv. WE 05, recuando a calçada para o lote, com 45 vagas no total, superando o mínimo de 30 vagas previstos.

Buscando a atender a população local, suprimindo uma carência por espaços de esportes que sejam de livre acesso, se colocou a quadra poliesportiva na região noroeste do lote, buscando distanciar a mesma do centro cultural, diminuindo sua interferência ao mesmo, a quadra foi implantada levemente inclinada em relação ao lote, para ficar posicionada no eixo norte sul, garantindo que para quem estiver jogando, que o sol sempre estará posicionado as laterais do campo, diminuindo a ofuscação visual.

Próximo à quadra, visando atender a população infantil e aos pais, está locado o playground, que buscou se posicionar próximo a via para atender as famílias que moram no entorno.

Como o lote não tem um formato regular, foi necessária uma curva nos caminhos internos ocorrendo um bloqueio visual devido aos muros dos lotes vizinhos, para diminuir este impacto, por questões de segurança e não causar a sensação de um ambiente fechado, se optou por fazer uma curva aberta, com um espaço de convivência próximo a mesma.

A proposta também assegura a manutenção de áreas permeáveis acima do mínimo exigido pela legislação urbanística, incorporando arborização para sombreamento e conforto térmico, contribuindo também para a mitigação da perda de cobertura vegetal observada no processo recente de urbanização do bairro.

5.5 Soluções Arquitetônicas e Construtivas

Para o centro cultural, optou-se pela utilização predominante de estrutura em concreto armado, considerando sua durabilidade, resistência e ampla aplicação na região. A mesma é complementada por uma estrutura metálica de treliças para o suporte das marquises e da cobertura da praça coberta, possibilitando maiores vãos e pilares mais esbeltos, gerando maior leveza visual e reforçando a ideia de continuidade espacial. (Figura 33)

Figura 33 — Praça Coberta Central



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

A iluminação natural é explorada de forma difusa, reduzindo a necessidade de iluminação artificial durante o dia e evitando ofuscamento. (Figura 34 e 35) As áreas cobertas externas funcionam como zonas de transição climática, protegendo contra a intensa insolação e o regime de chuvas frequente na região, permitindo uso contínuo dos espaços ao longo do ano.

Figura 34 — Iluminação natural na Sala de aula multiuso



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Figura 35 — Foyer bloco social



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

No fechamento da edificação buscou-se dar grande visibilidade ao bloco público com grandes janelas de vidro, como uma estratégia para um convite visual e integração com o entorno. Estas janelas ficam apoiadas sobre cobogós de cor vermelha, com desenho que remete a padrões de cerâmicas marajoaras (Figura 36), ao mesmo tempo dando uma identidade local e contribuindo com as estratégias passivas de controle climático. (Figura 37)

Figura 36 — Evolução formal cobogós



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

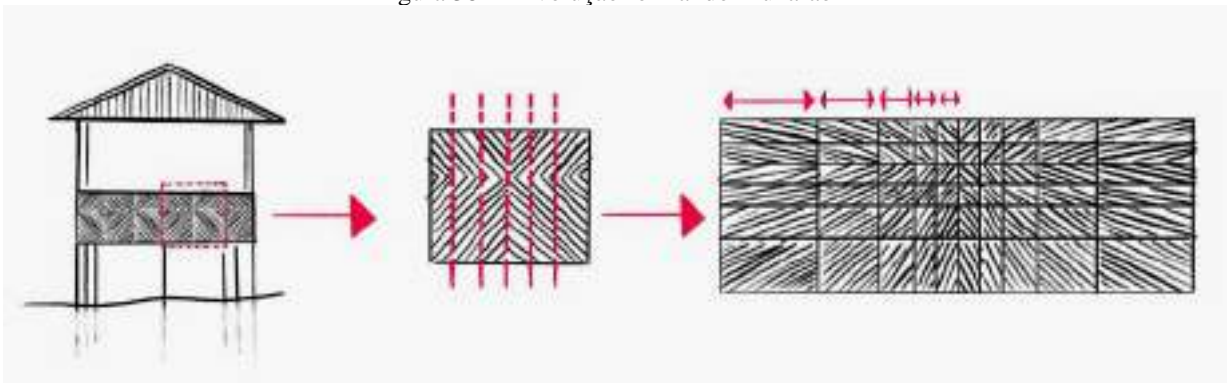
Figura 37 — Fachada bloco público



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Inspirado na arquitetura vernacular da Amazônia se desenvolveu o desenho para os muxarabis que cobrem a parte superior da construção, adaptando um padrão geométrico comum em guarda corpos de casa ribeirinhas, mas criando-se variações em módulos que mudam um pouco o ângulo de um para o outro, criando uma ideia de movimento (figura 38), também tendo uma dupla funcionalidade de estética e conforto térmico (Figura 39), controlando a iluminação incidente sobre a edificação e permitindo a ventilação cruzada. (Figura 40)

Figura 38 — Evolução formal do Muxarabi



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Figura 39 — Vista 3D aplicação Muxarabi



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Figura 40 — Corte em perspectiva Ventilação cruzada e Iluminação pelos Muxarabis e Cobogó



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

A escolha dos materiais prioriza resistência, baixa manutenção e desempenho adequado. O piso em granilite nas áreas internas foi selecionado pela durabilidade frente ao alto fluxo de usuários, enquanto os elementos estruturais são destacados com a pintura das vigas e pilares, evidenciando a lógica construtiva e identidade. (Figura 41)

Figura 41 — Hall – Bloco Educação



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Para o Cinema auditório utilizou materiais comuns em salas de cinema, que favorecem a acústica do espaço, como o piso de carpete, forro de gesso perfurado com manta absorvente e paredes revestidas com painéis acústicos em tecido escuro. Buscando manter também a estética regional, são sobrepostas ripas de madeiras sobre os painéis acústicos, criando um desenho remetendo ao muxarabi. (Figura 42)

Figura 42 — Cinema Auditório



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

O paisagismo é incorporado como infraestrutura ambiental. A proposta assegura área permeável superior ao mínimo legal exigido, contribuindo para infiltração das águas pluviais e mitigação dos efeitos da impermeabilização crescente no bairro. A arborização promove sombreamento natural, melhora o microclima e reforça a identidade amazônica do conjunto ao

utilizar de espécies nativas, escolhidas com base no “Guia de seleção de árvores ornamentais: paisagismo urbano para a Amazônia” (SALOMÃO; ROSA, 2020), como o Pau-Preto, Oiti, Ingá, Embaúba e Açaízeiro. O playground e a quadra poliesportiva ampliam a oferta de lazer público, consolidando o equipamento como espaço democrático de convivência e permanência.

Dessa forma, as soluções arquitetônicas adotadas articulam técnica, desempenho ambiental e identidade coerente com o contexto local, garantindo que o edifício não apenas atenda às demandas funcionais, mas também contribua para a qualificação urbana e ambiental do Tenoné.

Figura 43 — Render 3D vista fachada



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como ponto de partida a compreensão de que a cidade contemporânea é marcada por processos de segregação, que limitam o acesso da população periférica aos benefícios da vida urbana. No caso do Tenoné, a ausência de equipamentos culturais e espaços públicos qualificados evidencia essa condição, restringindo oportunidades de encontro, lazer e organização coletiva.

Ao propor um Centro Cultural Audiovisual articulado a uma praça pública, o projeto buscou responder a essa situação. Mais do que oferecer atividades culturais, o projeto buscou criar condições para a apropriação coletiva do território, fortalecendo vínculos comunitários e ampliando oportunidades de inserção social e econômica. A escolha do audiovisual como eixo estruturador reforça essa intenção, considerando sua centralidade na sociedade contemporânea

e seu potencial como ferramenta de produção de narrativas próprias, geração de renda e fortalecimento identitário.

Apesar de um edifício isoladamente não ser capaz de resolver desigualdades estruturais, este trabalho demonstra que a inserção de equipamentos culturais em territórios periféricos pode atuar como catalisador de centralidades, estimulando usos coletivos e fortalecendo o sentimento de pertencimento urbano.

REFERÊNCIAS

- AMVB. **VILA DA BARCA (100 anos de Resistência) Instagram**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/DDhGeoCOga1/>>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- ANCINE. **Mercado Audiovisual Brasileiro**. Ministério da Cultura, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/mercado-audiovisual-brasileiro>. Acesso em: 05/03/2025
- ALMEIDA, R. DE. CINEMA E EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS. **Educação em Revista**, v. 33, n. 0, 2017
- ANTONUCCI, Denise; BUENO, Lucas. **A construção do espaço público em Medellín. Quinze anos de experiência em políticas, planos e projetos integrados**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 19, n. 218.00, Vitruvius, jul. 2018 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/19.218/7022>>. Acesso em: 22 fev. 2025.
- ARAÚJO, Marlisson Lopes de; LUZ, Luziane Mesquita Da; RODRIGUES, José Edilson Cardoso. ANÁLISE TEMPOROESPACIAL DA COBERTURA VEGETAL DO BAIRRO TENONÉ – BELÉM/PA. **Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 52–75, 2012. DOI: 10.5380/revsbau.v7i1.66605. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revsbau/article/view/66605>. Acesso em: 24 mar. 2025.
- BARREIRA, Marina Vilela; LOBATO, Anna Gabriela Alves. Centro Cultural Lá da Favelinha: uma ponte morro-asfalto-morro. As redes cíclicas de colaboração e o papel da arquitetura. *Projetos*, São Paulo, ano 22, n. 257.01, Vitruvius, maio 2022 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/22.257/8543>>.
- BRANDÃO, R. **Após levante popular, moradores da periferia de Belém terão Auto de Natal no Curro Velho - Amazônia Real**. Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/apos-levante-popular-moradores-da-periferia-de-belem-terao-auto-de-natal-no-curro-velho/>>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- CARDOSO, A. C. D.; MIRANDA, T. B. O caráter seletivo da degradação ambiental na área de expansão de Belém (PA). In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS, 2., 2016, Rio de Janeiro. **Anais [...]**, Rio de Janeiro: URBFAVELAS, 2016. p. 1-11.
- CASTRO, R. M. F. (2008). **Inclusão social e atividades culturais: o Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- CAPILLÉ, Cauê. Arquitetura como dispositivo político. **Revista Prumo**, [S.l.], v. 2, n. 3, July 2017. ISSN 2446-7340. Disponível em: <<https://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaprumo/article/view/325>>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- CAPILLÉ, C. Spatial cultures of public libraries: Architecture, collective use and political agendas in Medellín's Library-Parks - UCL Discovery. **Ucl.ac.uk**, 28 dez. 2016.

CAPILLE, Cauê; REISS, Camille. Formas de mobilidade, visibilidade e poder em Medellín: Metrocable e Parques-Biblioteca. **Bitácora Urbano Territorial**, Bogotá, v. 29, n. 3, p. 79-90, Dec. 2019. Available from

<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-79132019000300079&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Mar. 2025. <https://doi.org/10.15446/bitacora.v29n3.67844>.

"**Centro Cultural Lá da Favelinha / Coletivo LEVANTE**" ArchDaily Brasil. Acesso em 14 Mar 2025. <<https://www.archdaily.com.br/br/976529/centro-cultural-la-da-favelinha-coletivo-levante>> ISSN 0719-8906

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1997.

DIAS, Mario Benjamin. **Urbanização e ambiente urbano no distrito administrativo de Icoaraci**, Belém-PA. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

Institucional | **Curro** **Velho.** Disponível em: <<https://www.fcp.pa.gov.br/currovelho/institucional>>. Acesso em: 15 mar. 2025.

JACOBI, P. A cidade e os cidadãos. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 2, n. 4, p. 22-26, mar. 1986.

MARICATO, Ermínia. **Direito à terra ou direito à cidade?**. Revista Vozes, v. 19, n. 6, p. 405-410, 1985.

MAZZANTI, Giancarlo. Dos bibliotecas en Medellín: Medellín, Colombia. **ARQ (Santiago)**, Santiago, n. 71, p. 21-31, abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-69962009000100004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 12 mar. 2025. <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-69962009000100004>.

MICHEL MARIE, Jaques Aumont. **Dicionário Teórico e crítico de Cinema**. São Paulo: Papyrus Editora, 2006

MILANESI, Luis. **A Casa da Invenção**. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.

MOREIRA, M. A. As salas de cinema de Rua de Belém | Cine News | O Liberal. O Liberal, Belém, 22 jul. 2022. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/colunas/cinenews/as-salas-de-cinema-de-rua-de-belem-1.565260>>. Acesso em: 05 mar. 2025.

MOREIRA, S. **Arquitetura e a promoção da cultura: 12 centros culturais na América Latina.** ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/929298/arquitetura-e-a-promocao-da-cultura-12-centros-culturais-na-america-latina>>. Acesso em: 24 fev. 2025.

MARQUEZ, R. **Social Practices and Art: Potential ambiguity, crucial pedagogy** Critique d'art, n. 54, p. 61-71, 2020.

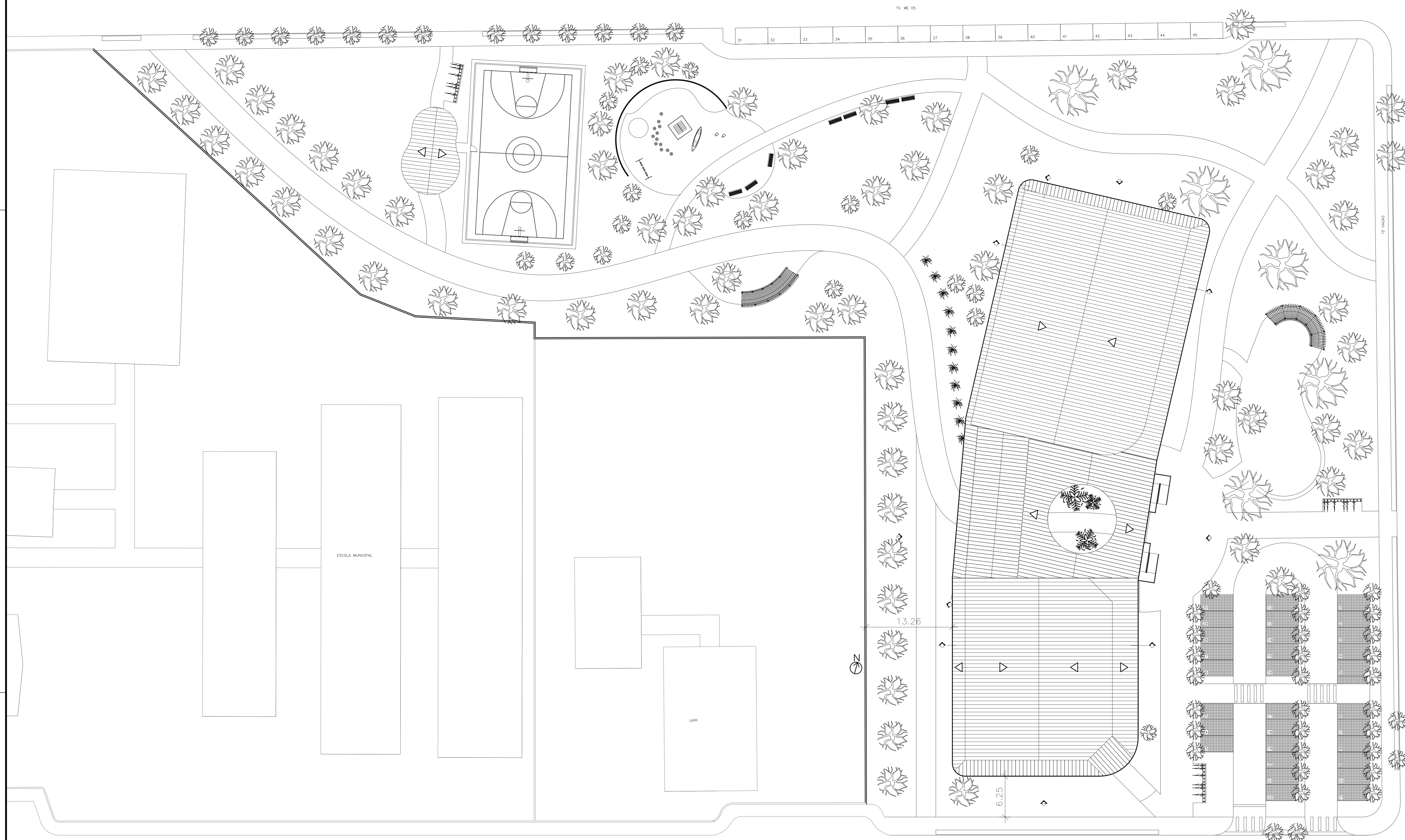
PROJETEEEE. **Gráficos climáticos: Belém.** Disponível em: https://projeteeee.mme.gov.br/dados-climaticos/?cidade=PA+-+Bel%C3%A9m&id_cidade=bra_pa_belem-ribeiro.intl.ap.821930_try.1964. Acesso em: 9 fev. 2026.

SALOMÃO, Rafael P.; ROSA, Nélon A. *Guia de seleção de árvores ornamentais: paisagismo urbano para a Amazônia.* Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2020. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/2718>. Acesso em: 13 fev. 2026.

TAVOLARI, B. Direito à cidade: uma trajetória conceitual. **Novos estudos CEBRAP**, v. 35, n. 1, p. 93–109, mar. 2016.

OLIVEIRA, D. **Uma alternativa para a Cidade experiencia em progresso.** Dissertação de Mestrado, FAU-USP, São Paulo, 1991.

APÊNDICE A – PRANCHAS DE PROJETO



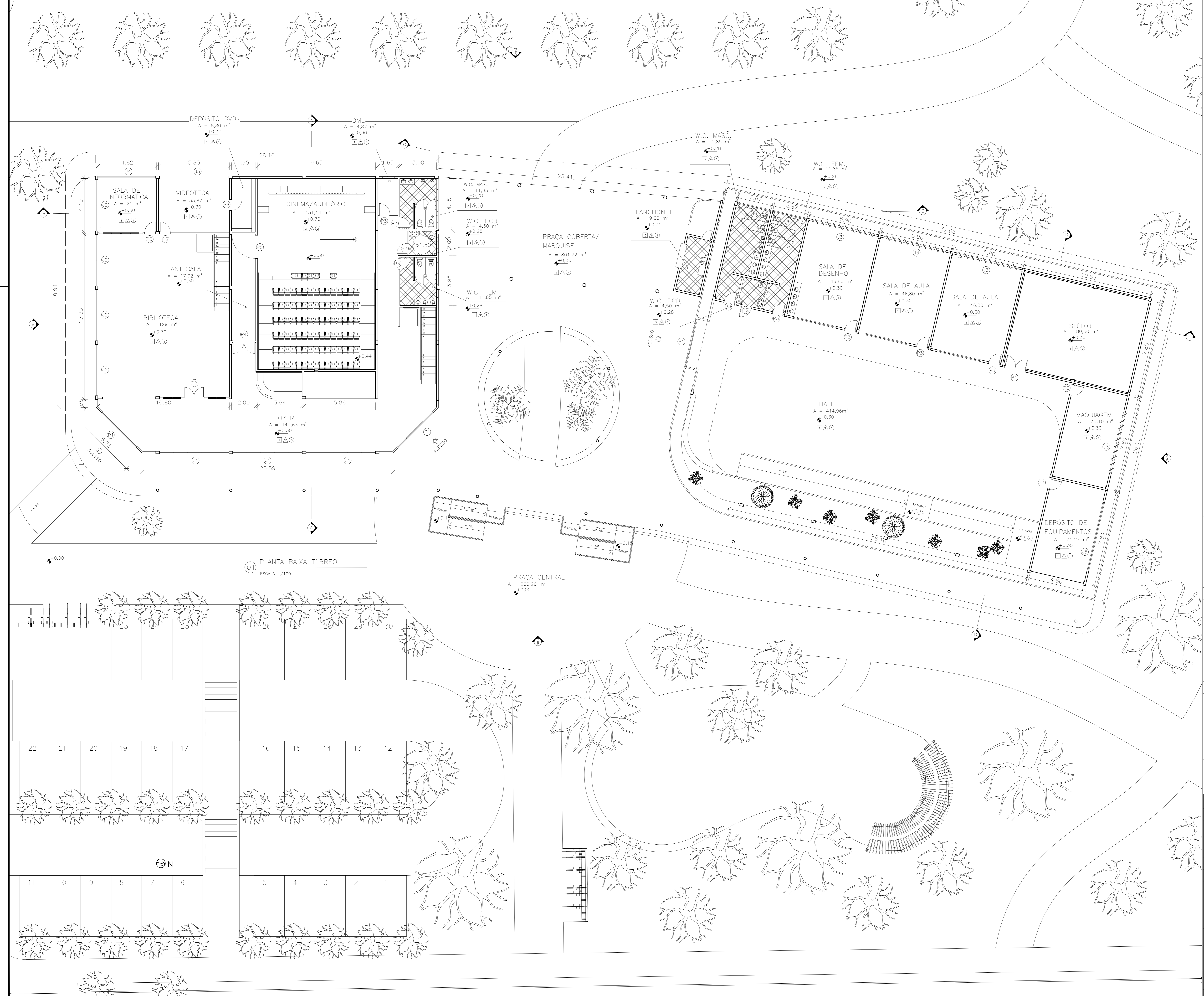
01 IMPLANTAÇÃO
ESCALA 1/250

TV. ME 04
ÁREA CONSTRUÍDA: 2.617,32 m²
45 VAGAS DE ESTACIONAMENTO



02 PLANTA DE SITUAÇÃO
ESCALA 1/1000
ÁREA DO LOTE: 13.186,91m²
BELÉM DO PARÁ
BAIRRO DO TENONÉ

UFPA	FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO	
	TCC	
PROJETO CENTRO CULTURAL TENONÉ		
ORIENTADORA: RACHEL SFAIR FERREIRA BENZECRY		
ALUNO: LUCA SOUSA PORPINO DE OLIVEIRA	MATRICULA: 202004340042	
DATA: 18/12/2025	ESCALA: 1/250	PRANCHAS: 01/06



01 PLANTA BAIXA TÉRREO
ESCALA 1/100

TABELA DE ACABAMENTOS

PISO			
1	GRANILITE CLARO		
2	CARPETE		
3	PORCELANATO ACETINADO BRANCO		
4	PISO INTERTRAVADO CONCRETO NATURAL		
PAREDE			
△	PINTURA ACRILICA ACETINADA BRANCA		
△	PINTURA ACRILICA ACETINADA VERDE		
△	PAINEL DE Lã MINERAL REVESTIDO COM TECIDO ACÚSTICO E RIPAS DE MADEIRA		
△	REVESTIMENTO CERÂMICO LISO		
△	PAINEL DE ESPUMA ACÚSTICA		
FORRO			
1	LAJE EM CONCRETO APARENTE		
2	FORRO DE GESSO PERFURADO COM TRATAMENTO ACÚSTICO		
3	LAJE EM CONCRETO APARENTE COM RIPAS DE MADEIRA		
4	FORRO EM MADEIRA		
TABELA DE ESQUADRIAS			
J1	5,70x1,90/0,90	P1	4,00x2,80
J2	4,20x1,90/0,90	P2	1,50x2,80
J3	5,20x2,50/0,30	P3	0,90x2,80
J4	4,75x0,60/2,20	P4	1,50x2,20
J5	5,70x0,60/2,20	P5	0,90x2,80
J6	2,85x0,60/2,20		
J7	4,20x1,70/1,10		
J8	5,20x1,70/1,10		
J9	2,20x1,70/1,10		
J10	4,20x2,80/0,00		
J11	5,70x2,80/0,00		

10.80 2.00 9.63 4.85 24.42

BIBLIOTECA PAV. SUP
A = 56,82 m²

CINEMA/AUDITÓRIO
A = 151,14 m²

CIRCULAÇÃO
A = 122,14 m²

COPA
A = 15,14 m²

SALA DE REPOUSO
A = 15,18 m²

SALA DOS PROFESSORES
A = 29,57 m²

SECRETARIA
A = 14,40 m²

DIREÇÃO
A = 14,40 m²

W.C. PCD
A = 6,65 m²

W.C.
A = 6,83 m²

SALA DE AULA
A = 46,80 m²

SALA DE AULA
A = 46,80 m²

SALA DE INFORMÁTICA
A = 46,80 m²

HALL
A = 150,18 m²

ESTÚDIO DE ÁUDIO
A = 21 m²

01 PLANTA BAIXA 1. PAV
ESCALA 1/100

TABELA DE ACABAMENTOS

PISO	
1	GRANILITE CLARO
2	CARPETE
3	PORCELANATO ACETINADO BRANCO
4	PISO INTERTRAVADO CONCRETO NATURAL

PAREDE	
△	PINTURA ACRILICA ACETINADA BRANCA
▲	PINTURA ACRILICA ACETINADA VERDE
△	PAINEL DE LÁ MINERAL REVESTIDO COM TECIDO ACÚSTICO E RIPAS DE MADEIRA
△	REVESTIMENTO CERÂMICO LISO

FORRO	
1	LAJE EM CONCRETO APARENTE
2	FORRO DE GESSO PERFURADO COM TRATAMENTO ACÚSTICO
3	LAJE EM CONCRETO APARENTE COM RIPAS DE MADEIRA
4	FORRO EM MADEIRA

TABELA DE ESQUADRIAS			
J1	5,70x1,90/0,90	P1	4,00x2,80
J2	4,20x1,90/0,90	P2	1,50x2,80
J3	5,20x2,50/0,30	P3	0,90x2,80
J4	4,75x0,60/2,20	P4	1,50x2,20
J5	5,70x0,60/2,20	P5	0,90x2,80
J6	2,85x0,60/2,20		
J7	4,20x1,70/1,10		
J8	5,20x1,70/1,10		
J9	2,20x1,70/1,10		
J10	4,20x2,80/0,00		
J11	5,70x2,80/0,00		

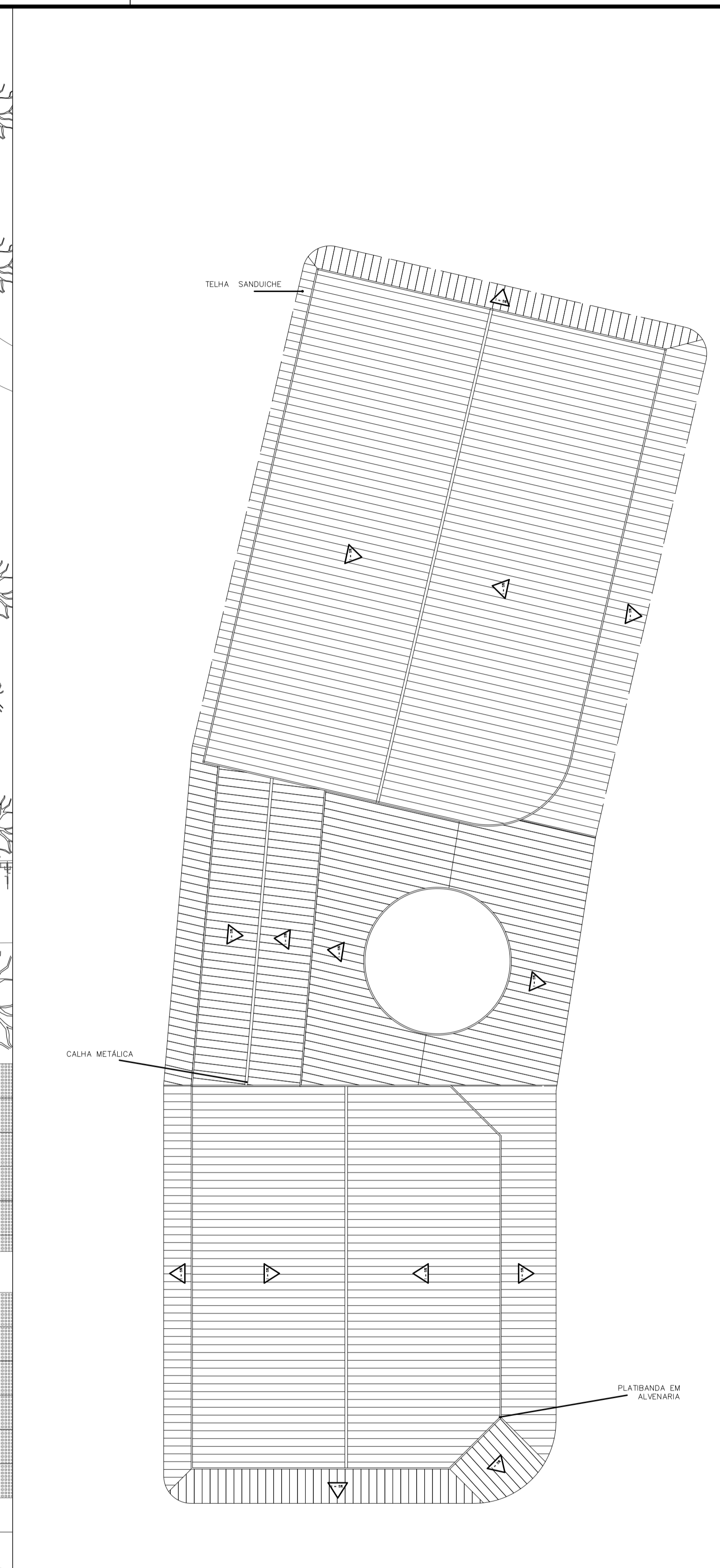
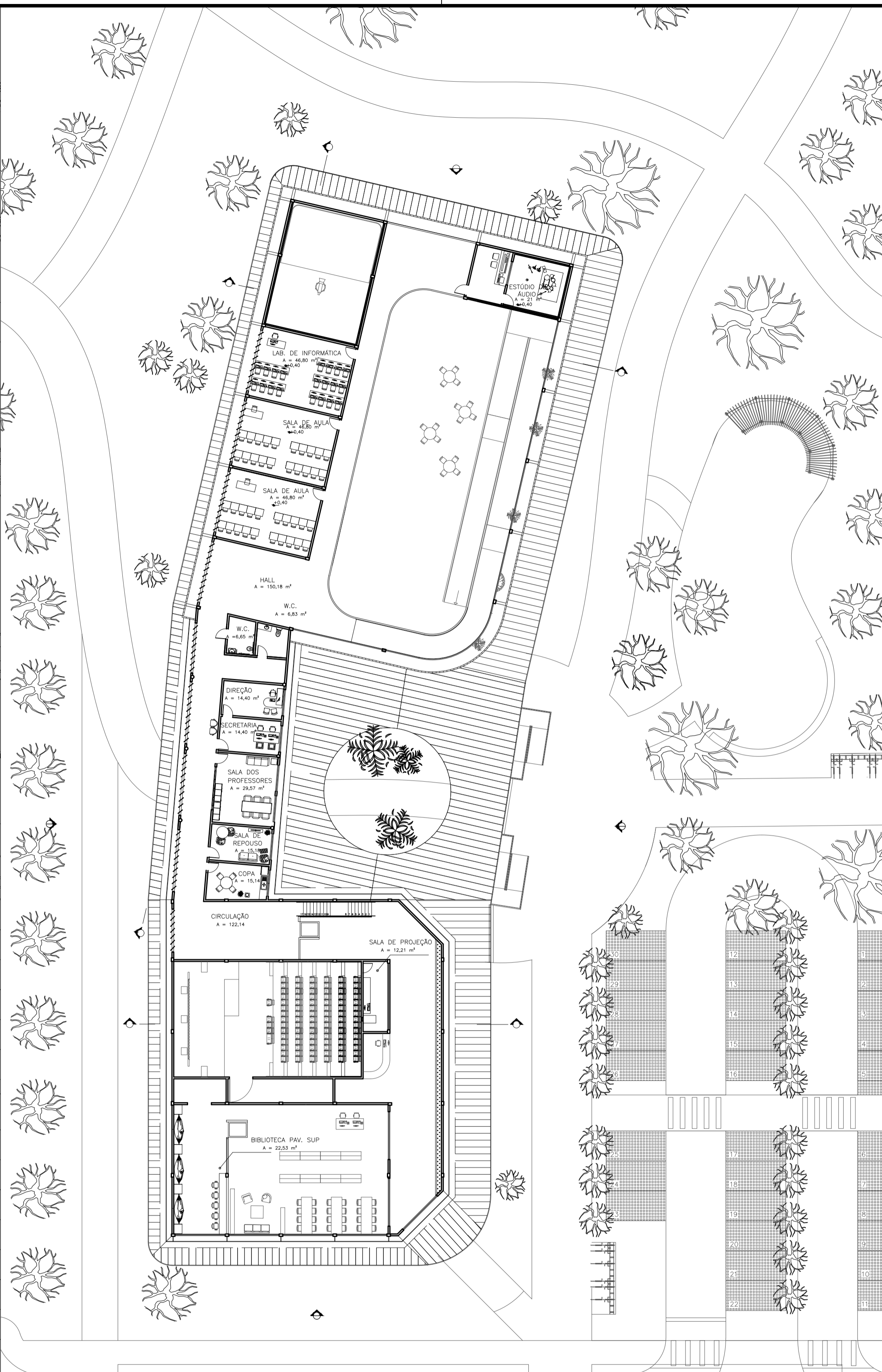
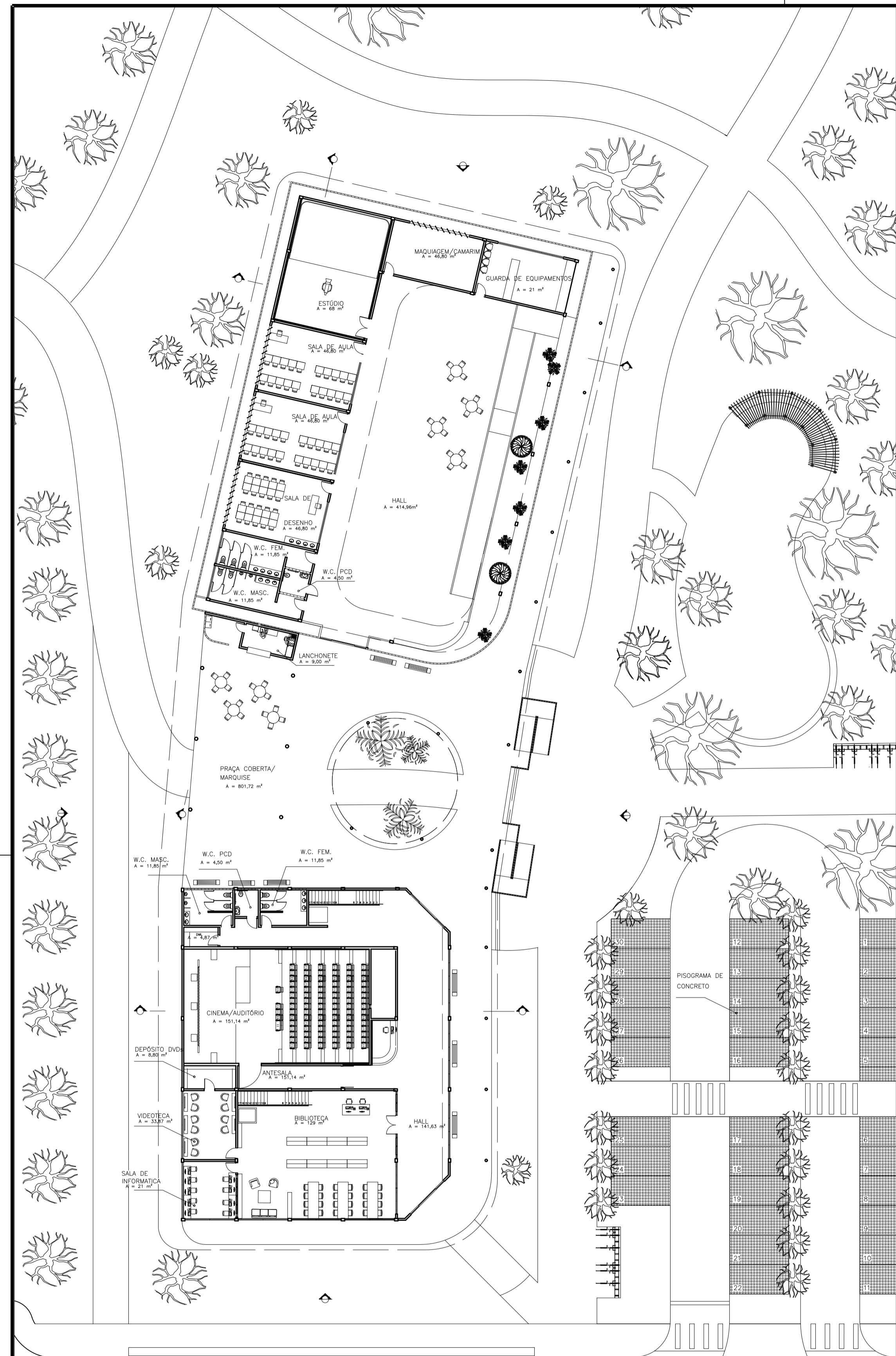
UFPA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
TCC

PROJETO CENTRO CULTURAL TENONÉ

ORIENTADORA: RACHEL SFAIR FERREIRA BENZECRY

ALUNO: LUCIA SOUSA PORPINO DE OLIVEIRA MATRÍCULA: 202004340042

DATA: 18/12/2025 ESCALA: 1/250 PRANCHAS: 03/06



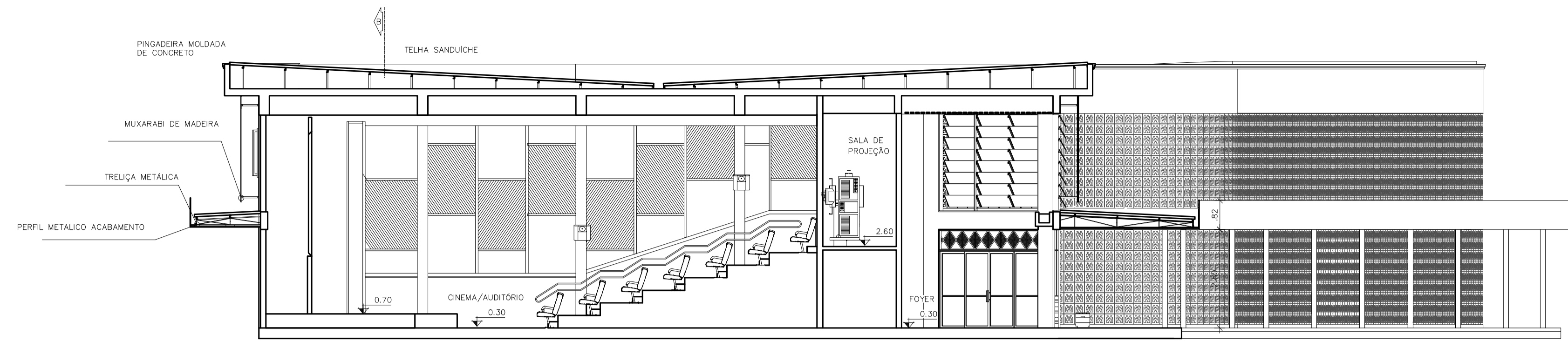
01 LAYOUT TERREO
ESCALA 1/250

02 LAYOUT 1 PAV.
ESCALA 1/250

03 PLANTA DE COBERTURA
ESCALA 1/250



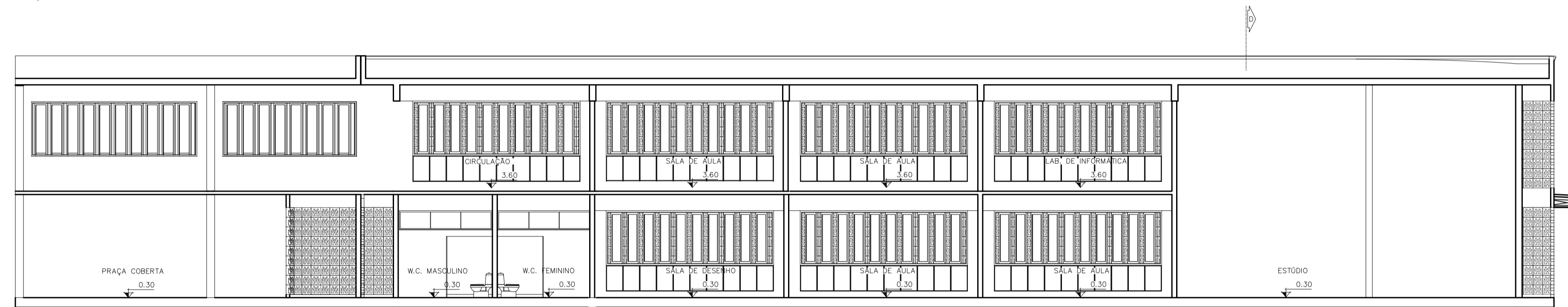
UFPA	FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO	
	TCC	
PROJETO CENTRO CULTURAL TENONÉ		
ORIENTADORA: RACHEL SFAIR FERREIRA BENZECRY		
ALUNO: LUCA SOUSA PORPINO DE OLIVEIRA	MATRICULA: 202004340042	
DATA: 18/12/2026	ESCALA: 1/250	PRANCHA: 04/06



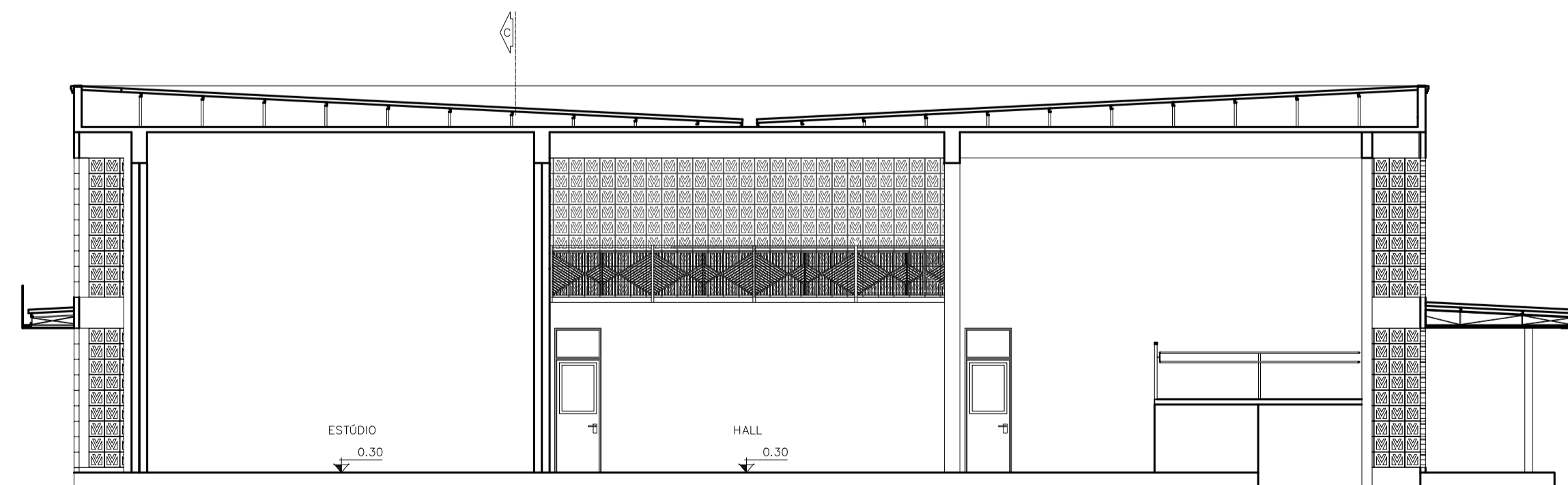
01 CORTE A
ESCALA 1/100



02 CORTE B
ESCALA 1/100

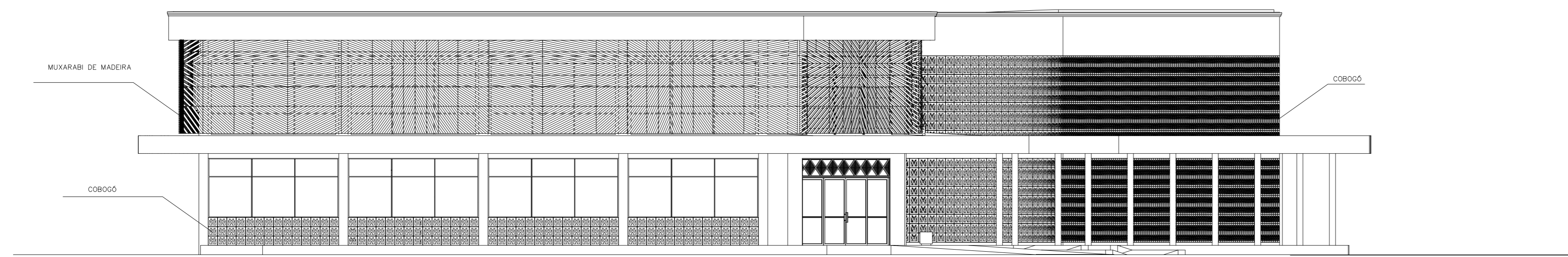


03 CORTE C
ESCALA 1/100

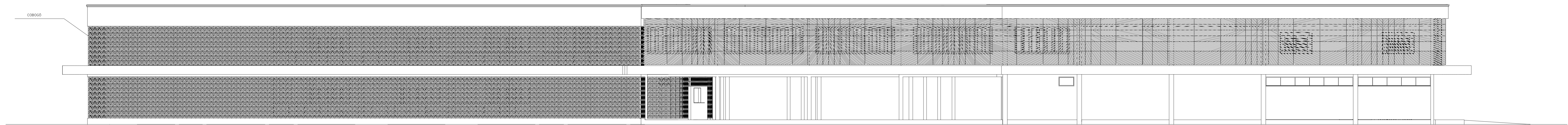


04 CORTE D
ESCALA 1/100

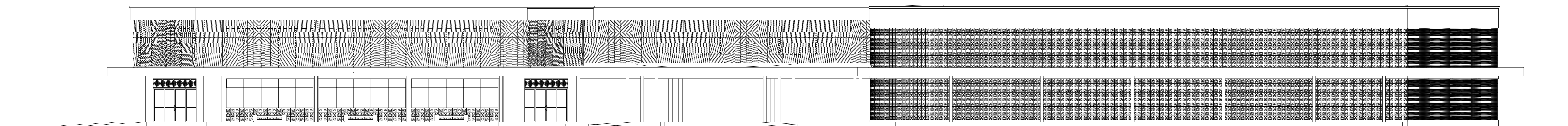
UFPA	FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO	
	TCC	
PROJETO CENTRO CULTURAL TENONÉ		
ORIENTADORA: RACHEL SFAIR FERREIRA BENZECRY		
ALUNO: LUCA SOUSA PORPINO DE OLIVEIRA	MATRICULA: 202004340042	
DATA: 18/12/2025	ESCALA: 1/150	PRANCHA: 05/06



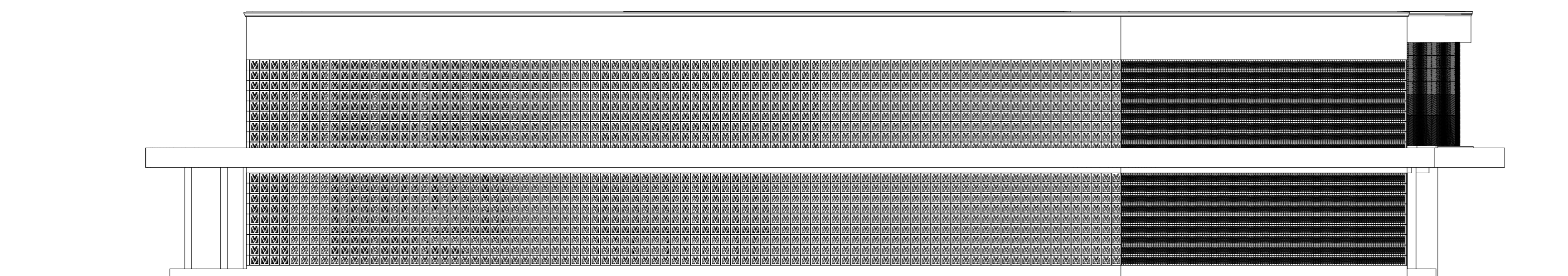
01 ELEVÇÃO SUL
ESCALA 1/100



02 ELEVÇÃO OESTE
ESCALA 1/100



03 ELEVÇÃO LESTE
ESCALA 1/100



04 ELEVÇÃO NORTE
ESCALA 1/100

UFPA	FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO	
	TCC	
PROJETO CENTRO CULTURAL TENONÉ		
ORIENTADORA: RACHEL SFAIR FERREIRA BENZECRY		
ALUNO:	LUCA SOUSA PORPINO DE OLIVEIRA	MATRICULA: 202004340042
DATA: 18/12/2025	ESCALA: 1/250	PRANCHA: 06/06